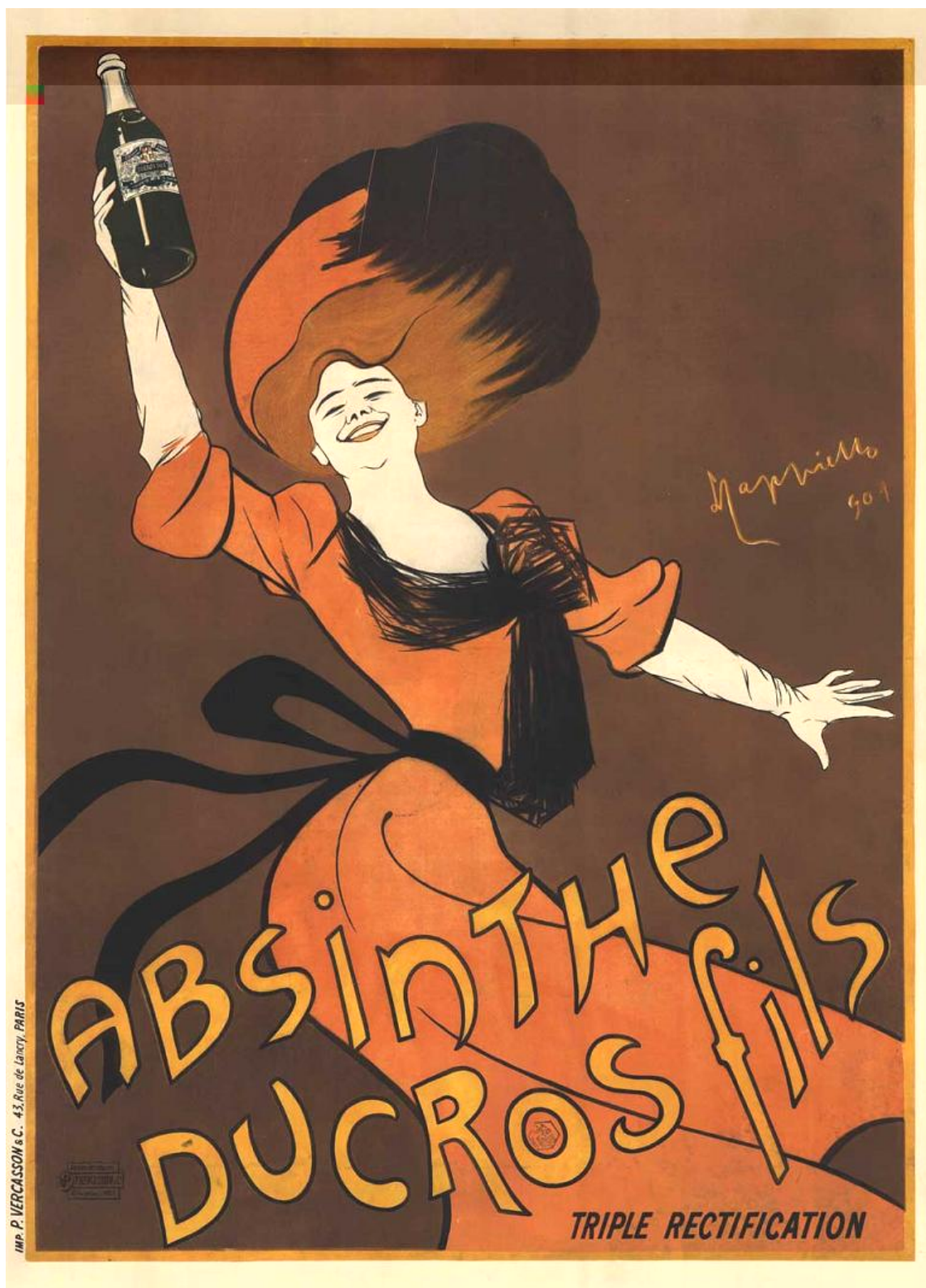
Art Noveau – escrito por Josiel Vieira de Araújo em abril-maio de 2008

Obliquamente a luz vai entrando, outonal, revelando o polvilhado calmo da poeira suspensa no ar daquele corredor cheio de livros usados. Pela velha janela do sebo vinha, de forma tranqüila, o som indistinto, abafado e contínuo do trânsito da manhã da segunda-feira; ele deveria estar fazendo outra coisa, mas algo a que não sabia precisar o tocou para nada fazer, ou melhor, para se refugiar ali, no meio de coisas velhas e esquecidas, coisas que são assim como o sonho de alguém perdido no passado, e as coisas do sebo são bem assim — são resquícios da vida que não se tem mais de pessoas que nunca vimos. Mas ele amava coisas assim, e quando se sentava no chão de longas tábuas, com as pernas cruzadas, para ver em seu colo revistas, livros e discos sem importância, também ele se sentia como se fosse o sonho de alguém que foi embora. Ele possuía sentimentos muito esquisitos para alguém de sua idade, e era tudo o que possuía, já que nunca fora muito esperto; ah, além de sentimentos esquisitos, confusos e que sempre lhe escorriam da alma por entre seus dedos, ele também possuía uma camisa preta que tinha a gola sempre levantada, um cabelo intensamente preto despenteado, mas era cortado bem rente dos lados da cabeça, quase careca, revelando duas orelhas pontudas e ligeiramente avermelhadas como as de um vampiro, que de certa forma combinavam com as duas grandes olheiras de cadáver. Possuía ainda uma calça jeans desbotada e rasgada a encobrir suas pernas finas e compridas, que terminavam em duas grandes e gordas botas sujas, dessas que não têm cadarço.

Ele não era muito esperto; a bem da verdade se sentia um pouco retardado por não saber o que fazer de seu futuro. Se bem que não acreditasse que o futuro era algo que pudesse existir, e talvez fosse essa a razão que andasse assim sempre de preto como se participasse de um funeral todos os dias, ou talvez fosse essa sua incredulidade pelo futuro fizesse com que gostasse de se refugiar no sebo, aquele templo de coisas passadas, vidas terminadas e coisas esquecidas e amores perdidos, e tudo isso condensado em livros e discos velhos que eram deixados ali pela necessidade ou pela vontade de nos libertarmos do entulho emocional que vamos acumulando vida afora, até que a vida é por fim jogada fora também por nosso corpo que chega ao fim, e assim cadáveres vão para o

cemitério e livros vão para o sebo — se bem que nem sempre é assim, e às vezes as coisas se confundem um pouco.

Ele via todas aquelas coisas com tranqüilidade e delícia; pegava grossos livros de capa dura, com enfeites em arabescos coloridos e complicados e cujo miolo era composto de páginas amareladas feitas com papel grosso e encarquilhado, escritos numa gramática já fora de moda; acumulava-os perto de si, e depois ia colocando um por um em seu colo para ver minuciosamente, com paz e deleite, os detalhes, as cores esmaecidas, o cheiro, sentindo as diferentes asperezas dos papéis, seus diferentes tons de amarelados, e principalmente as dedicatórias em suas páginas internas — costume este que infelizmente se perdeu. Dedicatórias comoventes, em letras caprichadas, geralmente em tinta preta, declarações de afeto apreço ou amor com datas inacreditáveis de tão antigas. Mas o que mais gostava era das grandes capas dos discos velhos, todas aquelas bandas que um dia já foram moda, que lançaram “hits” nas rádios, agora jaziam ali, entulhadas e esquecidas — e isso na melhor das hipóteses, pois muitos dos discos ali presentes sequer fizeram algum sucesso. Ele particularmente amava ver tais discos, pois as pessoas quando fazem sucesso mudam a expressão do seu rosto, ao passo que os caras que fracassaram continuam tendo um rosto de pessoa normal. O mais comovente daqueles discos que nunca fizeram sucesso era justamente isso: as pessoas das capas eram absolutamente normais. Eram pessoas dessas que se encontram na rua, no trabalho ou numa escola, que, a despeito de terem que trabalhar, acordar cedo e todas essas merdas a que todo mundo se submete, resolveram por um instante na vida sonhar com arte. Por um breve período então esses caras falam: ”ei, que tal se a gente montar uma banda?” e então começam a batalhar uma grana, arrumam instrumentos de segunda mão, ensaiam nos fins de semana, e sonham com glória e muito dinheiro. Prensam uns mil ou dois mil discos, com a alma cheia de esperança, e por algum momento em suas vidas se sentem como seus grandes ídolos. Mas então o sucesso não vem. Ninguém liga a mínima para aquela banda, quer porque os caras não têm talento ou quer porque o destino não quis mesmo que eles fizessem sucesso; afinal a deusa da fortuna é cega. Os mil discos não

vendem nem um quarto do volume. Os caras dão de ombros, desanimados, e então resolvem desistir, pois afinal, para fazer sucesso num país como o nosso só com muito jabá nas rádios ou tendo um pistolão, e então voltam novamente para a vida normal. O resto dessa aventura descansa em paz nos sebos; é certo que muitos dali não tinha talento nenhum, mas um dos prazeres de se ir num lugar como aquele era o de se garimpar coisas boas em meio a tanta coisa ruim. E, num retrospecto, mesmo as coisas ruins que estão ali não são tão ruins assim, quer dizer; à parte a banda não ter tido a excelência necessária para se manter eterna, cada uma delas representou o sonho mais elevado de um grupo de pessoas. Quando se tem isso na cabeça ao vasculhar aquelas velharias, tudo fica diferente.

Se bem que o critério usado por ele para sua garimpagem nada tem de racional, diga-se isso de passagem. Ele escolhia os livros e discos unicamente pela capa. Nem mais, nem menos. E foi assim que aquele disco foi cair—lhe nas mãos.

Desde o início a capa lhe agradou. Era algo assim como uma pintura em aquarela desbotada com letras entortadas, enroscadas e cheias de enfeites, mas tudo com muita delicadeza e elegância, como se fosse um cartaz feito à mão por algum artista da Paris do final do século dezenove; as cores bem esmaecidas em tons de verde primavera, bege, dourado, areia e azul-turquesa. A contracapa, por outro lado, era totalmente preta, num contraste gritante. Não havia o nome das músicas e nem outra informação. Era uma escuridão só, em que os integrantes da banda apareciam de corpo inteiro – não se sabia se era desenho, ou uma foto em preto e branco tirada de modo que as partes brancas da foto assumissem uma luminosidade fantasmagórica de flash – todos vestidos como o vampiro Nosferatu conforme aquele antigo filme expressionista alemão. Aquilo era realmente estranho, e se chocava com a arte da capa.

Levou o disco consigo.

O dia fora estranho. Sentia-se como uma alma penada sem destino. Não tinha objetivos na vida. Nunca teve. Talvez por isso gostasse tanto quando o dia morria. Sempre sentiu que só despertava direito com a chegada da noite. E foi quando a noite surgiu que pôde aliviar a alma. Lembrou-se do disco. Sem camisa,

mas ainda de calça e botas, ele pôs sua antiga vitrola para funcionar, e depois se deitou sobre a laje fria, com as mãos cruzadas atrás da nuca.

E então a música veio com o aroma de dama-da-noite e com a lua amarela que aparecia do lado de fora das colunas negras de mármore, penetrando lentamente nas fissuras de seu coração como uma névoa doce, um perfume verde, um alento a muito necessitado e, ao mesmo tempo, um toque cortante e suave; ele fechou os olhos e suspirou fundo e imaginou desertos, desertos como aqueles do Velho Oeste, desertos tranqüilos em noite de lua cheia, e todo o deserto fica pálido, com penumbras azuis e luz lunar cor de fantasma calmo, e ao mesmo tempo havia algo de francês nessa paisagem,, por incoerente que fosse essa associação, pois também lembrava pessoas bem vestidas à moda do século dezenove, cavalheiro e damas, todos refinados e com gosto artístico, e todos deslocados num deserto que era ao mesmo tempo físico e interno, na verdade deslocados não seria bem a palavra, mas soprados de maneira suave, até caírem como flores noturnas num deserto desconhecido e selvagem. A voz que sugeria todas essas improváveis imagens de bom gosto e solidão doce era como um beijo inesperado vindo de uma menina legal — o que era impossível, pois tinha certeza que os integrantes daquela banda obscura eram todos rapazes! Na dúvida, pegou novamente o encarte do disco e olhou com mais acuidade para eles. Reparou, então, com muita surpresa, que o que parecia o vocalista era na verdade uma menina! Uma menina vestida como vampiro Nosferatu igual aos outros. Que doida! A roupa igual e a maneira como foram retratados, preto e branco com os brancos da foto ou pintura como se estivessem sob um forte flash, colaboravam para reforçar a sensação de que todos eram do mesmo sexo. Mas não havia dúvidas de que o vocalista andrógino era uma menina.

Quem seria ela?

Música envolvente num agoniante disco sem nenhuma informação! Nem o nome das músicas, nem o nome dos integrantes. Sequer tinha o maldito nome da banda! Algumas vezes a curiosidade era capaz de levantar defuntos; ele bem sabia disto ao se assomar no parapeito frio de mármore vendo uma paisagem de

construções escuras, solitárias e indefiníveis. Mas resolveu novamente descansar em paz na escuridão.

Os dias seguiam monótonos, a cidade com sua monotonia de trânsito, poluição, stress, violência, multidões anônimas que andam e correm. E bastava passar um muro branco para que tudo aquilo não tivesse mais razão de ser. Algumas vezes chovia. O fluir dos carros nunca parava. De vez em quando o Sol surgia maravilhoso por entre os prédios no seu declínio de maio. Mas quase ninguém notava. Todos estavam ocupados demais com seus horários, escolas, dívidas. Somente pessoas extremamente esquisitas costumavam prestar atenção à luz do dia. O menino de olheiras era uma dessas pessoas. Ele sentia prazer em passear sem destino pelo outono na cidade. As cores, os cheiros, os movimentos. Prestava atenção nessas coisas, mas não como um cientista ou pesquisador, pois não tinha nenhum objetivo concreto em mente. Ele prestava atenção com tranqüilidade. Era bem verdade que algo ultimamente o incomodava, e dizia respeito àquele disco sem informações. Procurou mais material daquela banda em outros sebos, mas nada achou. E o pior é que aquelas músicas, ou melhor, o clima daquele disco, caía muito bem em seu ser; era praticamente sua trilha sonora invisível por aqueles dias.

Na busca por informações – qualquer informação – sobre aquele disco sem nome, ele decidiu apelar e foi com ele debaixo do braço na livraria cult megastore.

Aquele era decididamente o pior lugar do mundo, ele decididamente odiava lugares como aquele com ódio mortal, bem como ao tipo de gente que o freqüentava. Eram todos iguais, medíocres de classe média ou alta, sem sonhos e sem alma, pareciam zumbis vestindo roupas bem passadas e tentando a todo custo mostrar que estavam à vontade em tal lugar. Os homens, ou tinham a aparência de nerd comunista ou de nerd-homem-de-negócios; tinham as mesmas mochilas de laptops; usavam ou chinelos ou sapatos sociais; as mulheres ou tinham aparência de patricinha de faculdade ou tinham aparência de hippie de shopping center. Andavam sempre, sempre, sempre! em grupos, todos com um bom humor irritante, pois estava claro que ninguém poderia ficar sorrindo daquela maneira o tempo inteiro — a não ser, evidentemente, que tanto bom humor fosse

apenas uma fachada social que se usasse para implorar o ganho da simpatia alheia, o que freqüentemente era.

Ali nada tinha da honestidade presente nos ambientes dos velhos sebos. Não! Antes havia no ar uma hipocrisia que chegava a ser grudenta e uma empáfia irrespirável. Ele, como uma fera, tinha um sexto sentido para lugares onde não se sentia muito à vontade, e ali a sua intuição gritava, urrava para ele se arrancar dali. E as pessoas paravam de rir quando viam aquele menino obscuro, de olhar devastador, caminhando lentamente como se fosse a própria morte que passeasse entre tantas coisas superficiais, tantos livros de auto-ajuda, best-sellers de capa caprichada em dégradé, e através de tantos jovens com futuro promissor — pois o futuro é promissor a quem planeja tudo meticulosamente. Para se ter um bom emprego é necessário não ter nenhum sonho. Basta planejar o futuro através de cursinhos, faculdades, cursos de língua, saber exatamente o que se fará daqui a seis anos, gerenciar o seu tempo com uma arrogância como se fosse um deus. Ele, ao contrário, já não tem futuro nenhum. Alguns chegam a tampar o nariz quando ele passa, pois tinha um cheiro de rebeldia e liberdade. Pra muita gente, isso tem cheiro de coisa morta. Havia algo de perigoso naquele menino, e algo de revoltante. Ele não deveria existir; ao menos não ali naquele lugar, destinado à parcela inserida da população.

Sentindo o quanto sua presença era indesejada, e sentindo o quanto seu olhar causava desconforto, e que suas botas sujas e gastas provocavam ânsia antiestética nos refinados estômagos dos presentes, ele caminhou de cabeça baixa, de maneira humilde, até uma atendente. Sem encará—la, ele tirou o seu disco debaixo do braço e perguntou:

— Por favor, moça, poderia me informar se existe no catálogo algum outro disco da banda que fez esse disco?

— Não menino. A banda só lançou esse disco, e isso foi há muito tempo.

Aquela mulher de quase cinqüenta anos sorriu e depois completou – e o que ela completou o fez ficar transtornado:

— Eu fui a vocalista dessa banda.

Fazia muito tempo em que não arregalava seus olhos diante de alguém.

A mulher riu.

— A propósito, o nome da minha antiga banda é Art Noveau.

Ele ficou de boca aberta.

— Mas, mas, mas... você é... ou melhor... você está...

— Velha? — ela sorriu com resignação — eu fui vocalista do Art Noveau há quase trinta anos. O tempo passa, filho. Todo mundo envelhece.

— Mas eu imaginei que... quero dizer... esse lugar... você... quero dizer, eu não compreendo... sua banda tem, ou tinha, muita qualidade...

— Ah, sim. Quer saber como uma vocalista de uma banda de qualidade virou atendente de uma loja de livros para imbecis?

— É. Quero dizer, eu acho que quero saber, sim... mas, antes, pode me dar um autógrafo?

E ele lhe estendeu o disco.

Fosse outro o tempo, ela daria se recusaria a dar um autógrafo, ou o daria imbuída em tédio mortal. Mas uma voz demoníaca em seu coração sussurrou que estava ficando realmente velha, pois não só deu o autógrafo, como também marcou de se encontrar com aquele moleque que nem sonhava em nascer quando sua banda acabou. Mas sonhos morrem.

....

Início de noite. Uma mesa na calçada calma. Os dois lá sentados.

— Na verdade não gosto muito desse lugar — ela disse olhando o longo muro imerso na penumbra do outro lado da rua — mas pelo menos é tranqüilo.

A lua surgiu, imponente, por entre a folhagem escura acima do muro, e tão redonda como se tivesse pintada.

— Eu tenho que voltar para casa logo. Tenho de dar janta para meu filho – ela disse após beber um gole de cerveja.

O menino se impressionou:

— Quantos anos ele tem?

— Acho que tem sua idade. Quantos anos você tem, garoto?

— O suficiente – ele disse, olhando para o muro caiado banhado pela penumbra, aonde lentamente o raio lunar ia se insinuando e desenhando caprichosos jogos inclinados de luz pálida e sombra. Até a lua parecia estar sob efeito do outono. De algum lugar do outro lado do muro vinha o perfume de dama-da-noite & solidão; colunas de mármore negro.

Ela achou aquela resposta divertida.

— Ei, menino. Você é legal.

Ele deu um gole no vinho. E comentou, ainda sem olhá-la:

— Sabe... pode não parecer, mas eu garimpo discos em sebo há muito tempo. Acho que posso falar com propriedade sobre certas coisas.

— Por exemplo?... — ela ao indagar não pôde evitar um certo ar de deboche pela pretensão dele; "falar com propriedade"? Bah!

— Não é fácil uma música me impressionar, e a sua me impressionou bastante.

— "Agradecemos a preferência" — ela falou sem emoção e sem se impressionar por alguém estar impressionado com sua banda. Parecia ter visto esse filme várias vezes, e uma sombra de tédio permeava seu rosto — mas antes que você me pergunte o porquê do nome Art Noveau, devo dizer que já respondi a esse tipo de pergunta milhões de vezes, e é o tipo de pergunta que me irrita.

— Não, calma. Eu não. — ele procurou se desvencilhar.

— Deixe-me adivinhar: quer saber por que a minha banda acabou?

— Bem... talvez.

— Você está fazendo a pergunta errada.

— E qual seria a pergunta certa?

— A pergunta certa é porque eu resolvi, do nada, montar uma banda, se eu não tinha nenhuma experiência musical anterior. Não foram simplesmente os ventos da adolescência que me arrastaram para o meio desse furacão. Escuta — ela disse batendo com força o copo de cerveja na mesa — eu tenho total consciência do que o Art Noveau foi. Ela foi a principal banda de darkwave nacional. Ok, certo, certo, certo: não fizemos sucesso, mesmo sendo tão talentosos quanto você imagina, e nem a maioria das pessoas desse país imbecil

liga a mínima em saber o que é ou o que foi o darkwave e vive muito bem. Mas sobre essas coisas eu não sei responder o porquê. Talvez porque vivemos num país de filho da puta que não liga a mínima para movimentos culturais, muito menos aqueles que envolvem jovens esquisitos. Ou talvez por que a gente não se esforçou o suficiente para procurar ganhar dinheiro. Ou talvez fosse para a gente não fazer sucesso. Eu acredito em destino. Se a coisa não é para ser, então ela não será. Mas não foi com o intuito de ganhar dinheiro que eu criei o Art Noveau. Foi para provar algo.

— O quê?

Silêncio de alguns minutos gelados, ao cabo dos quais ela sorriu amarga:

— Provar algo que eu não consegui provar.

O vento sacudiu o cabelo preto dele e o cabelo grisalho dela.

— Mas por que não montou outra banda?

— Eu desisti da carreira musical.

— Por quê?

— Menino, quantos “Davis” o artista Michelangelo teve de esculpir para ser Michelangelo?

— Não entendi.

— Se você ouviu aquele meu disco, então teve contato com o meu melhor. O meu melhor está ali, entendeu? Basta um Davi no mundo, da mesma maneira que basta um disco do Art Noveau. Não quero me repetir com menos qualidade, que é o que a maioria dos artistas de carreira faz: vivem dos "bons tempos".

O menino sorriu. Ela olhou-o interrogativamente:

— Do que você achou graça?

— Sua postura. É de uma superstar. Somente uma superstar diria as coisas que você disse, por exemplo, se comparando a um artista igual ao Michelangelo. O verdadeiro artista é vaidoso. Então, acho que você continua sendo a vocalista do Art Noveau, e nem mesmo o tempo pôde enterrar isto.

— Não, menino. O passado está morto e enterrado.

— Nem sempre. Às vezes ele perambula por aí.

Ela olhou para a mesa, em desalento.

— O que a gente faz então com mortos-vivos?

Mas o menino não respondeu, ou não precisou responder. Pois ela pegou a garrafa e bebeu tudo de uma vez, como nos velhos tempos. Fechou os olhos, fez uma careta, limpou a boca com as costas das mãos e murmurou para si mesma:

— Talvez tentar compreender por que eles não descansam.

....

E desde então ela não teve mais descanso, já que seus encontros com aquele menino obscuro aconteciam com freqüência cada vez maior, para seu divertimento.

Trocavam muitas idéias. Principalmente sobre bandas do passado. Tomaram vários cafés. Num sábado nublado e frio ela o convidou para conhecer seu filho.

— Uau, cara, que visual legal você tem! — o filho dela foi logo falando. De fato, pareciam ter mais ou menos a mesma idade. Talvez pelo menino obscuro parecer um tanto mais vivido, parecia ser um pouco mais velho.

— Fique à vontade — ela disse, se dirigindo à cozinha.

— E aí, cara, quer jogar videogame comigo?

O vidro da janela fechado mostrava o tempo ruim que estava fazendo lá fora; a tarde estava muito fria e nublada. Isso aumentava a sensação de aconchego no interior da casa. O filho da ex-vocalista ofereceu um controle adicional do videogame ao menino obscuro. Começaram a jogar.

— Eu adoro tardes assim — disse o filho da ex-vocalista — pra mim, não existe nada melhor do que ficar em casa num dia frio jogando videogame. Melhor ainda se for dia de aula e eu cabular! É então uma verdadeira sinfonia da liberdade! Ficar em casa jogando joguinho, ou então fuçando no computer... adoro não fazer nada, e jogar videogame é a minha maneira predileta de não fazer nada.

— Eu também adoro não fazer nada, e a minha maneira de fazer isso é passar o tempo nos sebos. Foi assim que conheci o disco de sua mãe.

— Minha mãe é legal. Quer dizer, ela não pega no meu pé para eu ser alguma coisa na vida. Às vezes eu acho que ela me dá liberdade até demais, sabe...

O game era em estilo RPG medieval com elementos de mitologia nórdica, e se passava em pequenas vilas de cabanas e em florestas. O jogador poderia controlar um guerreiro loiro com uma armadura de prata feito pelos elementais do ar, ou então controlar uma sacerdotisa wicca jovem que lançava raios e sabia misturar poções, ou ainda controlar um mago bem velho. Quase não havia combates; a graça estava em conversar com duendes, elfos, ogros, e saber juntar as diferentes pistas e recolher ou trocar diferentes objetos. A trilha sonora era heavy metal melódico, talvez de grupos do norte da Europa.

— O que acha do som que sua mãe fazia?

— Ah, eu até acho legal... respeito. Mas parece vir de outro universo... eu não me identifico muito. Ainda bem que ela nunca me obrigou a curtir o som que ela fazia, e por isso eu respeito muito o trabalho dela. Eu curto mesmo é metal melódico. Minha mãe torce o nariz...

— Eu também não sou muito chegado... mas não tenho nada contra — o menino obscuro falou, de olhos pregados na tela, enquanto controlava a sacerdotes wicca. O filho da ex-vocalista sorriu, também sem desviar a atenção da tela.

— Ah, não esquenta não. Quase ninguém na face da terra gosta do heavy melódico. O pessoal do heavy metal acha que o melódico é som de gay, de travesti, de bicha e o caralho a quatro. No tempo da minha mãe eram os góticos que tinham essa fama; hoje são os emos e o metal melódico. Se bem que emo é som de gay até para o pessoal do metal melódico, e assim o ciclo não tem fim...

O filho da ex-vocalista tinha o cabelo longo, castanho quase loiro. Era franzino, narigudo, tinha uma camisa preta com uma estampa extremamente colorida mostrando uma mulher seminua com uma espada de fogo e um dragão vermelho no fundo. A camisa estava sobre outra, branca, de manga longa. Usava uma calça de moletom velha e tênis.

Houve um certo silêncio.

As vilas mágicas do jogo pareciam não ter fim. E o mais alucinante eram os detalhes, por exemplo, vasculhar as casas, uma por uma, de cima a baixo, até encontrar um pequeno mapa numa das vigas de um telhado. Mas para abrir esse mapa era preciso certo encantamento, que consistia na mistura de sete frascos de poções. Cada poção, por sua vez era preparada com três ou mais substâncias, encontradas em diversas partes do reino, e cada uma delas guardada por perigosos inimigos, que por sua vez precisariam se destruídos com armas especiais, que eram compradas com a quantidade certa de moedas de ouro, que eram adquiridas com a venda de objetos no mercado negro, mas para ter permissão para a venda no mercado negro era preciso passar no teste da habilidade especial, e assim por diante. E todo esse trabalho para pegar um mapa para a elaboração da estratégia.

— Esse nível de detalhismo do jogo é viciante, tem algo de religião nele — disse o filho da ex-vocalista.   Acho que essa é a verdadeira religião do futuro, pois quando a gente se envolve nesses detalhes do enredo do jogo, perde-se noção do tempo e do espaço. Olha só para a janela; já tá anoitecendo!

E era mesmo. Devia ser perto das seis da tarde, e naquela época do ano escurecia bastante rápido.

— Cara, eu quero ganhar a vida fazendo videogame... eu já fiz alguns joguinhos simples... todos com essa estrutura de RPG de mitologia nórdica...

— É bom fazer aquilo que se gosta. Mas também é bom ter um "plano b" caso isso não saia da maneira que a gente imagina — ponderou o menino obscuro.

— Tem razão. Mas não quero passar o resto da minha vida num emprego meia-boca que nem ela. Cara, caso o lance de fazer videogame estilo RPG não dê merda nenhuma, pode ter certeza que pelo menos um emprego numa firma de assistência técnica de videogame eu vou ter! Não importa o nível de envolvimento com os games; mas o meu emprego com certeza vai ter alguma coisa a ver com eles. Caralho, não é pedir muito!...

Da cozinha começou a vir um cheiro inebriante de bolo.

— Não é por nada não, mas minha mãe cozinha pra caralho.

Logo veio a voz dela:

— Pessoal, vem todo mundo lanchar!

— Espera um pouco, mãe, tô quase acabando uma fase!

— Depois você termina! Agora vem comer bolo!

Foi dada uma pausa no jogo. Os dois foram para a cozinha.

Bolo quentinho e fumegante com uma xícara de café passado na hora talvez seja o que de melhor possa haver num fim de tarde frio.

— Esse meu filho adora joguinho — ela disse, de boca cheia, e depois sorriu por sua falta de educação.

— É mãe, eu tava falando com ele sobre eu seguir uma carreira de criador de games de RPG. Se bem que seria uma parceria.

— Parceria? Com quem, com você? — o menino obscuro perguntou à ex-vocalista. Mas ela deu uma gargalhada e fez várias negativas com a cabeça:

— Não, não, não, comigo não! Eu tenho horror a videogame. A parceria é com a namorada dele, uma magrelinha de cabelo azul. Eu adoro essa menina.

— Eu manjo de videogame e faço os games. Mas é ela quem manja de mitologia celta, medieval e nórdica. Ela é praticante de wicca. Então, ela faz os enredos dos games e eu faço a programação. E depois, ela desenha os personagens e eu os renderizo em 3-D e ponho as cores.

— Esses dois nasceram um para o outro. É assim que um namoro deve ser, ao menos em minha opinião — disse a mãe, com um olhar de aprovação para o filho — sabe de uma coisa, garoto? Qualquer conquistador de meia tigela pode oferecer uma rosa um uma caixa de bombom no aniversário de uma mulher. Mas compartilhar sua própria vida... ninguém faz isso hoje em dia, e justamente isso é que é bonito. Olha ali em cima, a foto dos dois abraçados!

Sobre uma pequena estante havia vários porta-retratos. Lá estava a foto dos dois namorados abraçados e sorrindo, num parque perto da região industrial da cidade. Mas não foi isso o que chamou a atenção do menino obscuro. Atrás deste porta-retrato havia vários outras fotografias, entre as quais algumas da ex-vocalista tocando!!

— Que demais estas fotos!

Ele foi até lá para ver melhor. As fotos, todas amadoras e tiradas das antiquadas câmeras fotográficas de antigamente, e já todas castigadas pelo tempo, mostravam a outrora vocalista em pleno vigor, imensamente poderosa em cima de um palco, cabelo desgrenhado e rosto suado, segurando um contrabaixo com a displicência de um homem, olhos alucinados desafiando a platéia enquanto a boca berrava no silêncio imóvel da foto num microfone prateado. Ela estava só com o sombrio sobretudo de vampiro Nosferatu, e por baixo dele ela estava somente com calcinha e sutiã vermelhos e longas botas de amarrar. Mas a coisa em si nada tinha de erótico, pelo contrário. Dava um impressão de seriedade, de poder, de alguém que sabe exatamente o que está fazendo, e do que está desafiando. Não era só a platéia, mas o destino, o futuro e o universo que ela afrontava.

— É, a mamãe já foi bem louca...

O menino obscuro via aquelas fotos tomado por admiração e deleite. Ali estava a banda Art Noveau tocando a todo vapor, no auge da técnica e do talento. Havia algo de assustador, de inconcebível, de não se acreditar que aquela menina revoltada na frente daquela banda e aquele senhora de cabelos grisalhos eram a mesma pessoa. Parecia um absurdo, uma afronta a algo que ela não sabia bem o que era.

— Essa foto aí foi da turnê “Arizona Feito Paris”, o nome do único disco da banda de mamãe — Alan disse, de boca cheia — mãe, explica pra ele o lance desse título esquisito.

— Ah, agora é hora de lanchar, depois eu explico.

Ele já estava voltado para sua mesa, quando uma última foto o deixou mais espantado ainda. A princípio achou que se tratava de outra pessoa, mas depois viu que ainda se tratava da ex-vocalista. Era a derradeira foto, provavelmente a mais antiga de todas. E a mais chocante.

A ex-vocalista estava com uniforme da polícia!!

Ele pegou o porta-retrato empoeirado e o segurou como se segurasse um ponto de interrogação. Olhou para ela sem compreender, suas olheiras quase encobrindo totalmente os olhos.

Ela, que tomava uma xícara de chocolate quente, limitou-se a sacudir os ombros:

— Ué, eu também já fui policial. Isso foi antes do Art Noveau. O que isso tem demais?

— Ah, mãe, convenhamos. Tudo bem ser da polícia, mas logo você? Ser policial e ser vocalista de uma banda alternativa... Isso é bizarro demais, e eu mesmo fico admirado quando recordo isso.

....

— Essa é a primeira vez em muito tempo que eu passo a noite fora de casa... por Deus, estou nervosa... pareço uma adolescente tola...

Eles começaram bebendo um bom vinho rústico na esquina duma viela de paralelepípedo, iluminada pela luz amarela e intensa de velhos postes. A cantina era quase um boteco, bem escondida, e só quem conhecia o lugar era o pessoal das antigas, já aposentado. Ela se admirou como o menino obscuro sabia da existência daquele lugar.

— Ora, mesmo sem querer a gente fica sabendo de algumas coisas enquanto caminha por esse vale de lágrimas... — e ele sorriu, e ela teve a impressão de que os olhos dele brilharam como o brilho amarelo das luzes dos postes de ferro de idade indeterminada. Mas depois da segunda garrafa de vinho, até os olhos dela começaram a brilhar de maneira estranha, com velocidade rodopiante.

A noite só estava começando, e estava agradável. Tinha chovido antes, e o ar estava limpo, entrava puro nos pulmões ávidos por liberdade.

— Vamos pro "Castelo"? — ele sugeriu.

— Pro castelo?!... eu não sei... já estou velha demais pra isso.

— Que nada. Vamos lá!

Ela ainda fez uma cara de contrariedade, mas ele se levantou e puxou ela pela mão.

Pela mão. Por um instante os instantes cessaram, tudo ficou escuro e apenas uma luz misteriosa iluminava a mão dele sobre a sua.

Mas depois voltou a si; ela ainda não queria ir, e gargalhando fazia força para trás, para se soltar, enquanto que ele tentava puxa-la com as duas mãos da maneira que faria com uma gata que não quisesse tomar banho. Por fim ela cedeu. Ele levou uma garrafa de vinho num pacote de papel pardo destes que se usa para ensacar pãezinhos.

O Castelo era uma antigo salão, o último das antigas casas, que tocava música obscura dessas que ninguém se lembrava mais. Ficava no alto de uma rua que tinha um canteiro central e era margeado por árvores frondosas que deixavam a rua bem escura. Numa esquina ficava um amarelo posto de gasolina, e geralmente o posto foi usado pelo povo das antigas como referência para se chegar ao Castelo, tipo: “desça no ponto depois do posto para chegar no Castelo."

Ele tinha esse nome de Castelo por que no topo soldaram alguns barris de ferro e os pintaram com aerógrafo e tinta automotiva para parecer as muralhas de um castelo. O lugar teve seu auge há vinte ou trinta anos, e agora todos sabiam que ele dava seus últimos suspiros. Ele tinha um público fiel que continuava indo religiosamente, a maioria usava roupas totalmente negras, a única cor, aliás, que eram pintadas as paredes. Havia um néon azul no caixa, que dava um ar de outro mundo à atendente, e também as luzes estroboscópicas e uma velha televisão em que passavam videoclipes raros; afora isso, a casa não tinha cor nenhuma. Era um coração em trevas.

— Meu Deus , acho que a última vez que eu vim aqui você nem era nascido. Aliás, é surpreendente que um menino que nem você se interesse por coisas antigas. Seu visual parece ter vindo da época em que eu era moça!

Ele limitou-se a sorrir.

Foram quase que imediatamente para a pista de dança.

Ah, doce sensação!

Inebriante sensação!

Como descrever a delícia que é ficar no meio de toda aquela escuridão, a luz estroboscópica delineando rapidamente como um flash a silhueta dos vultos

efêmeros, fluidos, todos celebrando a mesma alegria de dançar a mesma música sinistra, rápida, distante, contrabaixos bem destacados, baterias com eco como se tocadas numa cripta vazia ou numa caverna, os teclados com efeitos gelados e a voz de barítono dos homens ou a voz delicada das mulheres que faziam aquelas músicas que tocavam fundo na alma e eram como os dentes gelados da serra de uma faca passando ao longo dos ossos da espinha, provocando arrepios e sensações como as que temos quando lembramos do que fomos em outras vidas e outras dimensões? Aquelas músicas eram como a luz morta das estrelas distantes; estamos vendo o brilho de algo que já morreu, e no entanto esse brilho ainda encanta, ou talvez por isso mesmo que encante.

— Está se divertindo? — ele perguntou.

— Muito! — ela disse, e era verdade.

Mas algo nebuloso, que em seu cerne tinha muito da reflexão sobre o brilho das estrelas mortas, começou a invadi-la. Ela, que dançava de maneira frenética, foi dançando cada vez mais lentamente e sem vontade, até que, quando tocou o "especial darkwave nacional" ela sentiu um mal-estar enorme pois reconheceu uma das músicas da sua banda Art Noveau . Parou completamente de dançar e foi para o balcão onde se vendia bebidas, e pediu uma lata de cerveja. O menino parou de dançar e foi atrás dela:

— O que foi?

— Nada!

Ele permaneceu ao lado dela, em silêncio.

— Ei, não deixe de se divertir por minha causa; volta lá pra pista de dança!

Mas ele continuou de seu lado, olhando seriamente para ela, sentado como ela num alto banco e com um cotovelo fincado no balcão. Ele era pálido, e seu cabelo preto e desgrenhado do alto da cabeça contrastava fortemente com a pele fantasmagórica de tão descolorida, ao mesmo tempo em que combinava com a eterna camisa preta. A sua pose lhe conferia uma espontânea seriedade, se é que isso é possível:

— Eu não volto se não me contar o que há.

Ela bebeu um pouco de cerveja e ficou uns instantes com a cabeça baixa, e nisso seu rosto ficou coberto pelos seus cabelos de forma bastante amedrontadora. Depois ela ergueu a cabeça, arrumou os cabelos com a mão e o fitou com olhos marejados e vermelhos:

— A um momento atrás, na pista de dança, eu perdi a noção de tempo e por um instante pensei ter voltado uns trinta anos no passado. Eu voltei a mim e senti medo.

— Por quê?

— A quem estou tentando enganar, Daniel? Vou fazer cinqüenta anos! O que passou não volta mais, cara! Não adianta fazer de conta que as coisas continuam sendo as mesmas! Esse lugar é uma fraude, pois quem vive de passado é museu. A gente tem de se ater aos fatos, e o fato é que eu fracassei na vida. Essa é a minha verdade, e tenho de carregá-la nas costas até o dia da minha morte!

Ela cruzou os braços sobre o balcão e baixou o rosto sobre eles.

Sentiu uma mão acariciando seus cabelos.

Em seguida sentiu, ainda de olhos fechados, que um rosto tinha se encostado do lado de sua cabeça, e que mãos a envolviam num abraço terno.

A escuridão.

Lábios que se encontram no escuro.

Se encontram em silêncio.

Além do espaço, aquém do tempo.

Beijo.

Janela.

Desejo.

Silêncio.

Um quarto escuro.

Corpos que se tentam se conhecer, se saciar, se compartilhar, carinho, ternura, medo e hálito morno; frio na barriga e calor na alma, tato, pele, olhares que se cruzam em cumplicidade no momento do ápice, e que depois se fecham, se adivinhando mutuamente a exaustão serena e boa do outro. Um rosto perto do

outro até ambos adormecerem. E assim foi uma vez, duas vezes, três e quatro, e as noites passaram boas, generosas, tranqüilas.

....

Uma noite, sentado na beira da cama, ele perguntou:

— Por que você deixou de ser policial?

Ela, que estava completamente nua e com as mãos entrelaçadas atrás da nuca, suspirou:

— É uma longa, longa história.

Ele se deitou ao lado dela e acariciou-lhe de leve a barriga e depois o pescoço e a orelha. Usualmente ela não fumava, mas o desejo de conhecê-la presente no olhar daquele menino fez com que ela abrisse a gaveta do criado mudo, pegasse um maço vermelho, tirasse um cigarro, acendesse, e soltasse a fumaça para cima, numa baforada com um quê de impaciência.

— Eu sinto que esse lance de ter sido policial foi decisivo para você. De alguma forma, isso lhe marcou para sempre.

Ela olhava abstrata para a fumaça sobre sua cabeça como se contemplasse os contornos nebulosos de algumas coisas de sua própria vida. Fatos que revoluteavam em seu ser, que tentavam vir à tona para serem conhecidos por outras pessoas.

— Bem... — ela tentou iniciar seu relato.

Sentia que ele a olhava atentamente. Soltou mais uma vez a fumaça, o lábio inferior mais destacado que o superior, de maneira que a baforada saiu inclinada, quase rente ao rosto.

— Na época em que eu era menina, a polícia não permitia mulheres em seus quadros. Isso me revoltava mais do que eu deixava transparecer, pois eu já odiava essa coisa de haver brincadeiras para meninas e outras para meninos. Eu gostava de subir em árvore, pular muro, bater nos meus amiguinhos, cuspir no chão, brincar de cowboy, enfim, mas me diziam que não ficava bem uma menina fazer essas coisas de garoto. Eu ficava puta com isso! Mais tarde, quando fiz

dezoito anos, a polícia finalmente permitiu a entrada de mulheres no policiamento de rua. Eu vi aquilo como uma oportunidade de continuar brincando de "cowboy" no velho Oeste sem lei em que havia se transformado a nossa cidade. Então eu não perdi tempo e fiz o exame de admissão. Nem precisei estudar muito e passei. Me apliquei bastante na academia de polícia e me formei com ótimas notas. Tirei dez na prova de tiro! E tive a honra de pertencer à primeira turma de recrutas femininos de nossa querida cidade. Eu apareci na televisão e uma revista feminina fez uma longa entrevista comigo, perguntando o que eu achava dos homens, da política, da sociedade, da moda, das cores do uniforme da polícia. Eu respondi da melhor maneira que uma jovem idealista pode responder. Eu me via numa cruzada pessoal para mostrar que as mulheres podem fazer as mesmas coisas que os homens. O futuro das mulheres dependia de mim.

Uma pausa. Ela deu uma longa tragada. E, olhando absorta para o teto, continuou:

— Mas logo constatei que a polícia, como qualquer órgão estatal, é podre, falida, burocrática e corrupta. Somente o interesse político mais baixo move as grandes decisões da alta cúpula. Definitivamente, ela é um joguete nas mãos de quem exerce o poder, o cãozinho fiel da lei que mantém as pessoas nos seus devidos lugares e nada mais. Certamente há um grupo de policiais interessados em trabalhar bem e em sugerir medidas para tornar o serviço rápido e eficiente, mas eles nada representam de significativo no quadro geral e charfundam no marasmo da maioria, na má vontade que só o funcionalismo público e sua estabilidade de emprego podem proporcionar.Tudo nela favorece a preguiça, a ausência de pensamento, o fortalecimento das manias idiotas e a indolência.

Mais uma pausa. Mais uma nuvem de fumaça que sobe, revoluteia e se dissipa como um fantasma interior.

— A preguiça é estimulada, bem como o preconceito. Tanto uma coisa quanto outra nascem das generalizações. Em vez de pensar, o policial é intimado a generalizar de duas formas. A generalização do preguiçoso é de que não vale a pena se arriscar por um salário tão baixo. A generalização do preconceituoso é a de que todo mundo na rua é bandido e que merece levar um tiro. No fim, essas

duas formas de encarar as coisas são siamesas e ninguém sabe onde termina uma e começa a outra. Essa era a merda, ao menos na época que fui policial. Acho que hoje em dia a polícia está cada vez mais eficiente e profissional . Basta ligar a televisão para se ver a diferença.

Mais uma pausa. E um suspiro.

— E eu, que entrei naquela porra para provar que a mulher era diferente, de repente me vi enquadrando todo mundo que andava vestido de maneira mais humilde na rua. Mais de uma vez humilhei várias pessoas que enquadrei. A qualquer cara feia ou movimento brusco, eu descia a borracha! Deixei muita gente de olho roxo e com dedo quebrado. Eu usava de linguagem chula, chamava os caras que eu enquadrava de viados, filhos da puta, cuzões e por aí vai. De todo mundo que eu parei e enquadrei,somente uns dois ou três eram realmente bandidos. Todos os outros eram apenas pobres trabalhadores, todos vítimas da minha truculência imbecil.

Ela então se sentou. E olhou bem firme para o menino obscuro:

— Foi então que conheci *ele.*

— "Ele"? Ele quem?...

— Numa noite de ronda, de dentro de minha viatura, algo que não sei bem precisar me chamou a atenção para a calçada do lado oposto. Bati no braço do meu parceiro que dirigia e falei: “Olha lá. Do outro lado da rua. Vamos dar um enquadro naquele negão." A viatura fez lentamente a volta.com as luzes apagadas, e quando nos aproximamos do cara eu já saí da viatura rasgando, de revolver em punho, gritando: “Encosta na parede, negão!" O meu parceiro me deu cobertura, protegido pela porta da viatura, como manda o regulamento.

O menino ouvia tudo em silêncio. Ela continuou, como se cada palavra que dissesse lhe ferisse profundamente:

— Cadê a maconha, negão? Eu berrava, com os olhos transtornados. E eu revistei, batendo violentamente a mão no corpo dele, até que na jaqueta de couro achei um certo volume. Eu gritei: “bem que eu desconfiei que fosse bandido!" Eu enfiei a mão no bolso do cara.

Ela parou. Parecia tremer.

— E o que você achou no bolso dele?

— Um livro.

— Que livro?

— Eu imediatamente comecei a ler de maneira vaga uns versos que eram mais ou menos assim: “Ó Formas Alvas, formas claras, formas cristalinas, incenso dos turíbulos das aras!" Eu olhei sem compreender. Eu devolvi para ele. Ele sorriu, e me disse: "quer o livro, senhora policial? Pode ficar com ele, se quiser". Foi quando eu finalmente reparei no olhar nele. E foi como num átimo fizesse todo sentido do mundo aquela coisa inexplicável que me fez olhar para o outro lado da rua para vê-lo, acho que foi a minha alma que me fez voltar minhas atenções para aquele estranho, como se soubesse que toda minha vida dali por diante dependeria daquele encontro. E me apaixonei imediatamente, muito embora naquele momento confuso eu nem fizesse idéia que estava se passando comigo. Algumas coisas são assim, somente com algum distanciamento no tempo, o famoso distanciamento "histórico" é que na verdade se nota o quão perto já se estava, mesmo sem o saber, de alguém. Mas não tente compreender.

— Como ele era?

— Bem alto, bem magro, totalmente careca e sem barba, usava uma longa jaqueta preta bem fina, quase colada ao corpo, apertada nos flancos, dessas de abotoar. Mas o que mais me chamou a atenção nele foi o olhar. Um olhar ao mesmo tempo de quem sabe profundamente sobre si mesmo e sobre os outros. Um olhar fulminante, rebelde, livre! Um olhar de quem se move pelos maiores abismos da existência como se fosse um acrobata. Algo em mim me disse: “Meu Deus, eu quero esse olhar sobre mim até o fim da minha vida". Mas limitei a entregar o livro de volta e anotar o número da carteira de identidade dele no caderno dentro da viatura; e deixamos o cara ir. A escuridão das caçadas o tragou rapidamente; era como se nunca tivesse existido. Um frio que eu supunha não existir me cortou então: e se nunca mais eu visse aquele cara?

Ela ficou calada, pensando em silêncio, fazendo a pergunta que desde então fazia para si mesma. Como teria sido sua vida sem ele? As fumaças do cigarro se fundiam com outras, bem mais antigas, que se contorciam nas dobras

das cortinas diáfanas do passado, se enroscando, tornando o mundo uma terra vazia, branca, calcinada, tomada por uma névoa fria onde ela estava perdida, sem ninguém, somente uma granulada figura de menina num branco nevoeiro, de formas alvas, claras e cristalinas, mas cada partícula desse nevoeiro era um cristal afiado a lhe ferir como a lembrá-la de sua solidão no seu amor por um desconhecido que sumira no breu da noite. Ela se sentia pequena no uniforme da polícia, sua falsa fantasia de xerife de faroeste do bangue-bangue contra seus próprios impulsos, na verdade se sentia nua em um ambiente hostil, este tal ambiente em que tomamos consciência do lado mais frio da percepção do mundo.

Ela, no rádio da viatura, pediu "casualmente" o endereço que constava associado ao número de carteira de identidade daquele "suspeito". O seu parceiro estranhou o pedido, mas soltou uma piada e esqueceu. Ela, por outro lado, fez uma intensa força para guardar na cabeça o endereço.

Mas não teve coragem de ir lá. O que iria dizer a ele?
chegaria assim sem mais nem menos e pediria desculpas por sua abordagem truculenta e depois diria que estava apaixonada por ele? Não. Ela sabia como pular muro, como escalar árvores, como cuspir no chão, mas nada entendia de se apaixonar por alguém, nada sabia de pular este muro para roubar a fruta vermelha do romance. Aliás, já perdera tempo demais com essa história. O amor à primeira vista era uma bobagem, ela concluiu contraindo o rosto como se sentisse dor.

Nevoeiro, nevoeiro... sua vida passou então em grandes brancos. Não sentia prazer nenhum em seu trabalho ou em qualquer outro lugar; o dia-a-dia era uma torrente de grandes manchas brancas em movimento, pessoas e objetos e acontecimentos eram borrões sem importância. Nada parecia ter cor, ela era um vazio se movendo por grandes vácuos.

Quanto tempo passou assim? Ela não sabia dizer.

Estava anestesiada, parecia não sentir mais nada. Nada queria sentir.

Até que um dia foi chamada para fazer a segurança de um evento onde tocariam várias pequenas bandas num conhecido centro cultural perto do terminal de metrô da zona oeste.

Ela odiava a falta de ordem daquela juventude de cabelos espetados e roupas rasgadas. Instintivamente sentia uma repulsa por aqueles jovens de sua idade que pulavam e berravam, todos irados e felizes, cantando refrões de músicas estranhas e toscas das bandas prediletas que tocavam ao vivo. Ela achou que iriam criar problemas, mas os jovens que ali estavam só queriam curtir suas bandas e se divertir,e faziam isso tão à vontade que pareciam não ligar à mínima para a vigilância ostensiva. E talvez por isso ela tenha se sentido pior do que se estivesse lidando com alguma ocorrência de briga e confusão. Ela chegou a conclusão que ser ignorado por alguém é a pior coisa do mundo, e estranhamente aquilo se fundia à inexplicável sensação de fim que lhe afligia e lhe proporcionava o estranho nevoeiro que lhe esfumaçava a alma. Nada entendia daqueles vagabundos punks, mas ouviu falar que eles gostavam do fim do mundo. Era então conveniente que estivesse ali, pensou amarga, sentindo o fim do mundo entre estranhos que adoravam o fim do mundo. Nisso, num átimo, num relance, que talvez nem precisasse acontecer, ela olhou para o palco onde se apresentava mais uma banda desconhecida para ela. Viu aquele rapaz negro tocando bateria. Ele tocava extremamente concentrado. Bem esbelto, usava uma camisa branca sem mangas, jeans velho e desbotado e coturnos. Mas quase não dava para vê-lo, pois na sua frente tinha ainda um baixista, um cara na guitarra e uma menina nos vocais. Ela tinha um penteado curto em estilo francês dos anos 20, uma saia em tecido xadrez vermelho, coturnos de cano baixo, pretos como seu cabelo e gritava as músicas como um animal, e de vez em quando imitava o grunhir de um porco. Acima do palco havia uma faixa com o nome daquela banda: “Jóia De Ouro Em Focinho de Porca".

Ela achou aquilo muito esquisito até para os padrões daquela juventude louca. Mas, a bem da verdade, nem estava ligando muito para a coerência ou sensatez, pois seu coração, incompreensivelmente, amorosamente, pulsava forte quando via o menino na bateria, "seu" menino, executando o trabalho de ferir as baterias com a seriedade de um homem. Ela o via embevecida, tomada por uma ternura doce. Até que o show da banda de nome estranho acabou, e eles desmontaram os equipamentos toscos e ela viu a vocalista dar um rápido beijo na boca no cara e

foi como um rápido disparo de um cubo de gelo em velocidade supersônica em seu ser.

Ora, componha-se, Marcela Byngton! A policial ordenou para si mesma. Pior foi no Velho Oeste. Lá ninguém desistia somente por causa de um tiro de raspão. E o que você vai fazer? Vai ficar chorando como um maldito bebê ou também vai sacar suas armas? Não, Marcela Byngton, nós não estamos falando de literalmente sacar seu revólver como fez da outra vez; aqui o duelo se dá num outro campo, bem mais sutil. Nesse lugar, ela pensou limpando o suor da testa e mordendo os beiços, não tem pra onde fugir e não tem como evitar os ferimentos; infelizmente todos os estilhaços desse tipo de projétil atingem certeiramente o coração. Portanto, mostre suas armas e atire primeiro! E assim ela pôs o quepe para trás e se pôs a andar, margeando a multidão. Alguns dos rapazes e das moças olhavam para o uniforme azul daquela policial desconfiados e até com aberta hostilidade. Abrindo caminho com dificuldade — não que houvesse muita gente ali, mas o caso era que o lugar era mesmo muito pequeno — ela finalmente chegou na lateral do palco, bem a tempo de ver a vocalista jogar fora uma ponta de um baseado; ela olhou horrorizada para a policial, como se tivesse a certeza de que seria presa.

— Não gente, calma, eu só queria um autógrafo de vocês —a policial logo tentou apaziguar, mostrando uma caderneta e uma caneta. A vocalista respirou aliviada, e até acendeu um cigarro "convencional" para tentar disfarçar o cheiro do anterior. Os olhos dela logo encontraram os do menino baterista, que pareciam demonstrar que a reconheceu imediatamente. Mas o rosto dele continuou dubiamente impassível e ela interpretou isso de maneira positiva, como se ele tivesse falando: “Não se preocupe" — e não poderia ser diferente, pois quem ama sempre enxerga o melhor nas reações do outro, mesmo quando o outro nada demonstra, nem de favorável e nem de negativo. Mas é certo que um espectador mais imparcial notaria uma ponta de frieza naquela impassividade do menino baterista.

Os membros da banda longo se prontificaram a assinar no pequeno caderno da policial, o mesmo caderno em que ela anotava o número das cédulas

de identidades dos suspeitos quando ela varava a noite como uma paladina da justiça.

— Por que a banda tem esse nome?

— "Jóia de ouro em focinho de porca é a mulher formosa que se aparta da razão". Provérbios de Salomão capítulo 11, versículo 22.

O rapaz da bateria disse, olhando bem no fundo dos olhos da policial, como se quisesse sugerir algo por essa frase. Fez-se um silêncio difícil onde ela perguntou alguma coisa tola, e ouviu um murmúrio de algum lugar que sugeria que era uma coisa muito extravagante que ela estivesse ali entre eles.

— É uma crítica ao mundo da moda, uma ironia, — sugeriu a vocalista da banda "Jóia de ouro...", a fumaça do cigarro tentando encobrir o verde dos seus olhos. Ela era meio gordinha, e tinha um piercing no nariz, uma argola de metal amarelo igual ao nome da banda. Sorridente e simpática, ela apontou com o cigarro aceso para o baterista — ele escreve a maioria das letras e eu invento as melodias. Esses outros arruaceiros ajudam na bagunça.

Ela deu à policial um flyer com os locais onde a banda tocaria de novo. No flyer também tinha um telefone de contato. Extremamente satisfeita, mas tentando demonstrar casualidade, a recruta policial Marcela Byngton voltou para seu posto.

Nos dias seguintes, a policial tentou bolar meios de se aproximar do baterista. Marcela telefonou para o número que constava no flyer, e caiu no apartamento da vocalista. Ela atendeu, e se mostrou muito simpática. Marcaram de se encontrar no próximo sábado de manhã, e Marcela sentiu que aquela vocalista de nome Cecília era um bom meio para se aproximar do baterista.

Mas Marcela era meticulosa. Se quisesse impressionar aquele menino que escrevia letras, a primeira coisa que tinha de fazer era mudar o seu visual.

Ela ficou andando em círculos na sala. Que roupa usar? Ela pensava nessa questão como um professor de matemática que reflete sobre a resolução de uma complicada fórmula. Acontece que de repente suas roupas pareciam notavelmente cafonas, como as de uma caipira.

Nisso houve uma pausa. O seu pai colocou um velho disco que desde menina ela gostava. Eram músicas de filmes de Velho Oeste.

— Olha só, filha!

E ela soltou um gritinho de alegria e começou a dançar como uma maluca. É que começou a tocar a faixa que ela mais adorava, uma música antiga chamada "Bat Masterson", que era o nome de um famoso fora-da-lei dos tempos do faroeste. Embalada pela música, ela entrou dançando no quarto e abriu o guarda-roupas. Escolheu uma camisa xadrez marrom bem estilo country, e, lembrando que o baterista parecia gostar de roupas sem manga, ela pegou a tesoura e a arrancou as dessa camisa. Mas fez um serviço propositadamente malfeito, para, afinal, parecer uma peça de roupa "punk". Em seguida pegou um jeans bem desbotado, um que há tempos ela pensava em jogar fora tanto por estar velho quanto por estar apertado demais — a peça tinha vários anos, ela era bem menor. E, para completar, ela separou suas botas militares. Pronto! Já estava tudo certo. Na manhã seguinte, devidamente vestida com essas peças, ela saiu para a ensolarada manhã de sábado, cantarolando o som de Bat Masterson.

Caminhou um certo tempo durante aquela manhã, sentiu o sol no seu corpo, cumprimentou alguns conhecidos, atravessou uma rua de feira, ouviu a gritaria das barracas e sentiu o cheiro das frutas no ar, das laranjas, dos limões, das mangas e abacaxis e também o cheiro de peixe embrulhado em jornal; o mundo realmente ficava diferente aos sábados. Passou algumas velhas ruas de paralelepípedos, onde os carros faziam um barulho característico quando rolavam sobre eles. Pegou um ônibus, ficou vendo distraída a paisagem em movimento como um borrão sem significado, passou pelo bairro japonês e suas várias placas vermelhas e lamparinas e depois de uns quatro pontos desceu. Andou mais um pouco, virou numa rua bem arborizada, onde a visão era toda ela verde das folhagens e preta dos troncos das árvores. Localizou o prédio branco de Cecília, se anunciou para o porteiro; depois de um tempo ele falou para subir. Ela olhou casualmente para o relógio; passava um pouco do meio dia. Chegara um pouco tarde, é verdade. Elevador, cheiro característico de carpete e ar condicionado viciado. Olhou-se no espelho, e se achou bonita. Sorriu. Seu coração palpitava de expectativa; não sabia muito bem o que dizer. Décimo andar; chegou. Um certo arrepio percorre-lhe a pele. Tocou a campanhia. Por um átimo pensa em sair

correndo, como fazia quando apertava a campanhia dos vizinhos e saía correndo, e nunca desconfiaram que era ela quem fazia isso.

Abriram a porta.

Era Cecília.

Tinha uma péssima cara, cabelo despenteado, olho de quem acordou ainda há pouco. Usava apenas calcinha e sutiã brancos a cobrir seu corpo gordinho. Olheiras. Coçou a cabeça, pegou uma garrafa de cerveja que estava numa banquinha:

— Ah, é você. Chega aí, vamo beber alguma coisa.

E saiu caminhando lentamente pela sala, pés nus. Automaticamente, a policial a seguiu até o quarto, sem pensar.

Lá, sobre a cama, ainda meio sonolento, estava o baterista.

Pelado.

Ela arregalou os olhos.

— Rodrigo, levanta que chegou visita!

O baterista fez uma careta, passou as mãos no rosto. Se espreguiçou de uma maneira mal-humorada.

— Ah, e aí, senhora policial, tudo em cima?

Levantou-se peladão e lentamente se dirigiu ao banheiro. Da porta aberta veio o barulho de homem que urina demoradamente na privada enquanto bocejava. Depois veio o barulho de longos peidos. Marcela corou.

— Não liga não. Ele sempre peida como um camelo doente quando acorda. Porra, Rodrigo, você tá podre, mano? E aí, quer alguma coisa pra beber? Vamos pra cozinha que vou passar um café fresquinho.

Elas foram pra cozinha que estava escura. Cecília abriu as cortinas e soltou um:

— Porra de Sol! Vai tomar no cu!

Ela acendeu um cigarro e pô-se a preparar o café. Do banheiro vinha o barulho de dentes sendo escovados e palavrões.

— Não liga não, ele sempre acorda de péssimo humor. Aliás, eu também. Acho que eu vou aderir a essa nova moda dos caras que andam sempre de preto e vão ao cemitério.

Tudo para Marcela era chocante. Ela não fazia idéia de como sair do seu mutismo. Então resolveu aproveitar a deixa para comentar sobre aquela notícia:

— Então, quer dizer que tem jovem passando a noite no cemitério? Que coisa mais maluca!

Com o cigarro entre os dentes, a punk Cecília concordou com os olhos e disse:

— E não é? Você vê que maluquice! Tem cada gente esquisita nesse mundo!

E nisso ela arrotou. Marcela fez força para não rir. Mas em vez disso, perguntou:

— Mas o que eles fazem no cemitério?

— Pelo que eu sei, lêem algumas bobagens, tomam vinho e escutam algumas bandas de som mórbido e decadente. Ouvi falar que gostam de coisas tipo morcegos, caveiras, caixões, vampiros, enfim... as meninas usam uma maquiagem que nem as egípcias, e o pior é que os meninos também. É um bando de lunáticos. Eles acham que estão na Europa do fim do século dezenove. E o que houve nessa época, senão miséria e art noveau?

— Mas eu pensei que o punk fosse... também... quero dizer... achava que vocês criticasse a decadência do mundo, também.

Enquanto coava o café, Cecília explicou:

— O nosso som nada tem a ver com a decadência desses maricas de preto. Nós temos uma postura política libertária, enquanto que esses caras não crêem em nada. São uns derrotados. Aliás, é por isso que se vestem de preto: acham que o mundo vai acabar e, portanto já estão vestidos para o funeral.

E nisso o baterista entrou na cozinha. Ainda pelado, somente algumas tatuagens sobre o corpo esquelético de ossos bem proeminentes. Diante do espanto da policial, ele deu de ombros:

— Ora, não me olhe assim.

— Não ligue pra ele. O Rodrigo é esquisito. Andando pelado pela casa diante das visitas, vê se pode. Eu nunca faria um loucura dessas — a vocalista disse, com indiferença, e a policial ficou sem saber, ao olhá-la só de sutiã e calcinha, se ela por acaso não estava brincando em afirmar que também não era louca.

Nisso a vocalista sorriu de uma maneira canalha e deu um beijo tórrido no baterista, enquanto mexia desavergonhadamente no pau dele.

Até então Marcela estava tão chocada pela nudez e pela falta de cerimônia dos dois que só diante daquela visão ela teve consciência de uma coisa: os dois estavam pelados por terem transado a noite inteira.

E também que, a julgar que os dois começaram a transar novamente bem em frente dela, que ambos deveriam estar bem drogados.

Uma sombra de tristeza passou rapidamente por seus olhos: ela tinha certeza de que aquele cara nunca seria inteiramente dela. Observava-o quando arrancou furiosamente a calcinha da vocalista, e com um braço derrubou tudo que havia em cima da mesa; a vocalista apoiou a barriga sobre a mesa e relaxou; ele pôs o seu pau enorme na bunda dela e começou a dar estocadas violentas, que arrancavam gritos e suspiros da menina. Lágrimas saíam dos olhos dela de dor e prazer, lágrimas de dor, e somente dor, saíam dos olhos de Marcela ao ver aquela crueza em sua frente. Foi tudo muito rápido, mais rápido ainda que a formação de qualquer juízo. Marcela, com os olhos vermelhos, virou para o lado e viu o âmbar de uma garrafa de conhaque. Sem pensar duas vezes ela pegou a garrafa e entornou de uma só vez. Era preciso estar muito alucinado para entornar de um vez os 40 graus de álcool daquela garrafa, que poderiam muito bem levar a um coma, mas logo uma sensação leve e rodopiante se apoderou de Marcela; ela se sentiu tomada por um bom humor e por uma doçura que a fez se dirigir para o casal, e, aos tombos, ela foi se envolvendo numa ternura desconhecida, beijos a um e a outro; aos risos, ela abriu a blusa e se deixou sugar pelos dois, que tiraram as calças dela; sempre rindo ela voltou a calçar as botas e ficou só com elas e com a camisa marrom xadrez aberta, e então a bebida lhe pegou realmente de cheio, como um soco, e sentia que estava como no velho oeste dos sonhos infantis, montando um cavalo furioso e com ele correndo velozmente pela

pradaria; então uma cascavel com seios lhe ofereceu um cigarro, e então a pradaria se transformou numa montanha russa veloz onde ela subia e descia em sucessões de vertigens como as que se tem quando se cai, e ela estava constantemente caindo em si mesma, sentido um conforto e um perigo, e ela parecia não estar muito bem, pois se lembra quando alguém, talvez um médico, lhe injetou uma vacina, uma vacina contra paralisia infantil, e aí o sol se multiplicou no céu em cores de arco-íris, como um poente múltiplo em todas as partes, e até em sua mão, e até em seu sexo que recebia o caule de uma flor feita de poeira de galáxias plantada por um homem-eclipse, um homem-menino-eclipse que depois tirou a flor e soprou o pólen em abundância em seu rosto, e o pólen foi lambido por uma mãe que também lhe dava o seio para sugar, e a pequena Marcela mamava sonhos e sorria para os pequenos anjos verdes de asas negras de esperança que entraram por baixo de sua pele provocando imensos arrepios quando ela sentiu que os anjos tentavam enfiar uma espada de fogo em suas costas, mas não era nas suas costas, e a dor que sentiu era como uma dor de morte, e sentiu o gosto de sangue que logo lhe inundou o ser e lhe queimou como o flamejante sol de Velho Oeste, e ela sentiu vergonha por gostar de estar prostrada, morta, enquanto um rio bom saía de seu ser, transformando o deserto num lugar bom, bom para se dormir, e logo a luz acabou e tudo ficou em penumbra, e ela se sentiu dormindo numa cama com mais duas pessoas.

Sentia-se, naquele escuro, encharcada de suor, sentia um gosto residual de água sanitária e bebida e palha queimada na boca, sentia um grande pedaço de carne adormecida em seu flanco, e desse pedaço alongado ela sentia escorrer sobre sua pele lentamente uma baba morna que ia esfriando de maneira bem desagradável. Sentiu a textura dos corpos e o respirar pausado de sono. Ela se ergueu, tonta, e se dirigiu ao banheiro. Abriu o chuveiro no máximo, e ficou embaixo da ducha recebendo aliviada a água como alguém que andou por desertos selvagens. Abriu a boca e bebeu a água em abundância. Deixou-se ficar sob a ducha por um bom tempo, recobrando os sentidos. Só então percebeu que estava de botas! Maldição. As botas ficaram encharcadas. Mas, já que tinha enfiado mesmo o pé na jaca, aproveitou para fazer xixi de pé; boa sensação.

Esfregou com força os olhos. Seu corpo estava dolorido, principalmente as suas partes íntimas. Atrás, então!... a dor era insuportável. Foi para a cozinha, tomou grandes copos de água fria, e em seguida várias xícaras de café. Aos poucos sentiu que tinha voltado novamente a si. Mas, antes que falasse: “Meu Deus, o que foi que eu fiz?" Rodrigo entrou na cozinha. Estava pelado, e seu pau pendia casualmente, enorme e cansado. Ela se irritou:

— Porra, você não vai nunca mais vestir uma roupa? Gosta tanto assim de se exibir?

Ele riu.

— Eu gosto mesmo de me exibir!

Se aproximou dela:

— Qual o calibre daquela sua arma que apontou para mim?

— Calibre .45.

Ele pegou no pau e olhou para ela firmemente:

— Pois este aqui tem seis centímetros de largura por vinte de comprimento. E, a um momento atrás, estava todinho enfiado no seu cu. Parece uma coisa impossível, não é? Pois também poderia parecer impossível que uma pessoa que nem eu, que nunca fez nenhum mal para ninguém tenha de ser parado toda vez pela polícia somente por causa da cor da pele. Pois é, senhora policial, parece que foi a senhora que se fodeu, não é mesmo?

— Merda, o que uma coisa tem a ver com a outra? — ela disse irritada.

— Nada tem a ver. Mas eu sou poeta,e meu trabalho é fazer associações improváveis.

— Ah, tenha dó. Você não é poeta porra nenhuma, é só um vagabundo drogado e pelado — ela falou de olhos fechados, passando a mão na cara, como se quisesse recobrar a lucidez. Ainda estava bastante tonta. Ele se aproximou:

— Você também está pelada, entre outras coisas...

Marcela estava sentada de pernas e braços cruzados. Rodrigo chegou bem perto, e o seu pau escuro roçou o ombro dela, e mais uma corrente elétrica perpassou novamente por ela, destruindo toda crítica, reprovação e coerência e a

enchendo de algo de que os poetas se enchem em seus melhores momentos. Ela se levantou, o abraçou e falou bem perto da boca dele:

— ...Entre outras coisas, estou apaixonada por você.

Rodrigo a deitou no chão da cozinha, e delicadamente ficou sobre ela, e nela se foi invadindo, preenchendo todo o seu ser, toda a sua vontade, como se fosse um Sol líquido que fosse adentrado nela através de uma fenda em sua alma bem mais que nas fissuras do seu corpo. E dessa vez os dois não pararam de se olhar, e pela primeira vez Marcela se sentiu em plenitude, completa como se não precisasse de mais nada do universo. A cada movimento o olhar dele continuava insondável, misterioso, enquanto que o olhar dela - isso Marcela sabia - mudava de instante a instante, acompanhando o ritmo daquela dança dos corpos, das peles, das respirações. Ela logo atingiu o clímax, e ficou esperando que ele fizesse o mesmo. Mas para sua surpresa ele saiu dela e despejou fora todo o seu jorro. Suado, mas sorrindo, ele justificou:

— Não quero que você fique grávida de mim.

Naquele momento Marcela achou que aquele gesto fora muito bonito, uma demonstração de afeto. E naquele instante ela jamais pensaria o quanto seria frustrante, no futuro próximo, as repetidas recusas daquele cara de ter um filho com ela, por mais que fizesse de tudo para ter um filho com o seu grande amor Rodrigo. Muitas seriam as vezes em que Marcela praticamente daria uma chave de perna no corpo dele e diria que só soltaria quando gozasse dentro dela, mas ele sempre se desvencilharia sorrindo - mesmo quando ela daria violentos tapas e socos e mordidas de frustração na cara dele; aliás era espantoso a capacidade que ele tinha de se segurar. Inclusive teria uma vez que a convenceria que o pau estava com problemas. E como ela duvidasse, ele falou para ela dar uma olhada bem de perto. Ela então aproximaria para dar uma examinada, e nesse instante ele, com duas ou três socadas com a mão, soltaria um enorme jorro de porra bem na cara dela, que, completamente lambuzada, soltaria um : "filhooooooo da puuuuuuuuuuuuuuuuuuta!!!!!!" e ele cairia para trás, às gargalhadas. Bem, isso tudo ainda iria acontecer, para ela ficar lembrando sozinha em noites frias com o coração completamente cortado por estilhaços de tristeza. Mas naquele instante,

tudo era bem-aventurança. Ela via a grande lagoa de porra que a gozada dele tinha criado em sua barriga, chegando aos bicos arrepiados dos seus seios.

— E eu que acabei de tomar banho...—ela disse, sorrindo.

— É, você tomou um banho mesmo — ele confirmou, às gargalhadas, apontando para a barriga dela.

— Isso, zoa mesmo, seu cuzão gostosão.

— Toma outra chuveirada, ué - ele disse enquanto pegava um maço vermelho de cigarros e uma caixa de fósforos sobre a geladeira — toma rapidinho que eu quero dar um rolê por aí contigo.

Ela balançou a cabeça negativamente:

— Acho melhor eu voltar para casa.

— Ih, filhinha, não tem ônibus depois da meia-noite.

Marcela arregalou os olhos:

— Quê?! Meu pai deve estar louco de preocupação! Ele vai me matar!

— Olha, sossega. Toma teu banho, depois toma um café, que a gente sai por aí atrás de um orelhão e você telefona para teu velho.

— É. Pra você é tudo muito fácil. — ela resmungou. Ele tirou o cigarro da boca, e o prendeu entre os dedos esticados da palma da mão que estava estirada como alguém que quer cumprimentar o outro. Só que a palma da mão apontava imperativamente para o banheiro. Ele elevou o tom de voz e ficou com os olhos bem abertos:

— Toma a porra do teu banho e depois a gente sai pra tu falar com o teu velho. Você é surda, caralho? Você fala com ele que tá na casa duma amiga chamada Cecília. Olha pra mim: é simples assim. E pára de encher meu saco.

— Por que eu não posso ligar daqui mesmo?

— Porque,ligando de um orelhão, seu pai vai ter certeza que você tá mentindo — ele retrucou de uma maneira sinistra e sarcástica.

— Você tá querendo me foder? — ela gritou, perdendo a paciência.

— Marcela, até hoje você só aprendeu a ser certinha, a se comportar sempre dentro da lei. Eu quero te ensinar o que existe além da segurança pública e além da segurança privada. Talvez aprenda até o que está além da segurança íntima.

Ela tomou banho, se vestiu com o jeans velho e a camisa xadrez sem mangas, tentou secar as botas passando a toalha dentro delas, mas não conseguiu ter muito sucesso, por isso ele lhe arrumou um par de meias secas, pelo menos já era um paliativo. Até que o cara era legal. Mesmo quando pediu para ela passar um batom vermelho-prostituta que casualmente ele encontrara num canto. Ele, por seu lado,, vestiu uma comportada camisa de manga curta e inacreditáveis calças sociais com suspensórios. E para completar o quadro improvável,colocou um chapéu preto de aba curta, desses que antigamente chamavam de chapéu-coco. Ao olhar de estupefação dela, ele fez um gesto faceiro com o chapéu como um coquete artista saltimbanco, dizendo que a noite era uma criança.

Saíram do prédio. A noite os atingiu em cheio, fresca, bonita e cheia de possibilidades.

Um orelhão.

Ela telefona para casa.

Rodrigo fica do lado dela.

— Não pai, está tudo bem. Eu só... o quê? Não, papai, eu não.... já disse, papai, tou na casa de uma amiga... pai, meu Deus, eu já sou adulta! Ah, pai, eu não avisei antes porque... peraí, pai, deixa falar! Não, pai, eu não bebi... papai, é impressão sua, caramba! O quê?! Tá insinuando que além de cachaça eu tomei... pelo amor de Deus, quanta bobagem! O que eu posso fazer se minha voz está diferen... pai, paaaai! Pôxa, eu volto amanhã, não se preocupe... larga a mão de ser chato, eu tou ligando de orelhão porque o telefone da minha amiga tá com defeito... não pai, o defeito apareceu agora... não, não,p... pô, pára de me policiar, caralho! TCHAU!

(BLAM! Fez o telefone do orelhão quando ela colocou no gancho furiosa).

Ela baixou a cabeça e cruzou os braços:

— Aaaafe, vou te contar, viu. É mais fácil correr atrás de bandido do que lidar com parente, CARALHO!

Ele sorriu:

— Acho que vejo um vermezinho punk revoltado se infiltrar na grande e vermelha maçã do teu coração bem comportado.

Dizendo isto, deu o braço para ela de uma maneira elegante, como se fosse um distinto cavalheiro de tempos dantanho que convidasse uma senhorita para um passeio dominical. Ela se admirou com o gesto:

— Sabe, você é um enigma para mim - Marcela murmurou olhando-o interrogativamente enquanto caminhava segurando o braço dele. Mas ao mesmo tempo ela se dava conta que era aquele mistério, aquela coisa que nunca vai ser tocada, que de certo contribuía para o se fascínio por aquele rapaz com aspecto encrenqueiro. Não foi à toa que ela o parou naquela noite; Rodrigo espargia uma atmosfera perigosa, era como um sol sob um eclipse.

— Aposto que você está pensando em como é possível que um arruaceiro rebelde possa ter gestos tão magnânimos, impregnados de delicadeza e sensibilidade refinada — o baterista poeta falou com um sotaque tão empolado quanto o de um nobre da corte francesa do século dezoito, daqueles que eram tão frágeis que passavam mal quando viam uma demonstração de grosseria do populacho.

— Você adivinhou em parte. Como conseguiu?

— Marcela, você logo vai perceber que adivinhar o que os outros estão pensando é tão fácil e enfadonho quando saber o que eles são e querem. Não há segredo. Apenas a pretensão burguesa de se achar importante é que criou a lenda de que é impossível conhecer os outros. Mas basta um ou dois segundos para se adivinhar os sonhos das outras pessoas. Sabe por quê?

— Não.

— Porque, em geral, as pessoas têm sonhos tão pobres, tão miseráveis, que são facilmente adivinhados.

Ela contraiu o rosto.

— Não acho que os sonhos dos outros sejam tão facilmente adivinhados assim.

Ele a olhou:

— Quando você me parou para me revistar, já estava a fim de mim.

— É mentira - ela mentiu, com os olhos baixos e com as bochechas ficando coradas - era apenas o meu trabalho de polícia, porra.

—Acredite no que quiser. E digo o mais. Um dia você vai me odiar tanto que viverá somente para fazer coisas para tentar me ferir.

— O quê, por exemplo?

— Sei lá, talvez ter um filho com outro cara, ou algo do tipo.

— E quem disse que eu quero ter um filho com você? A gente mal se conheceu, seu cabaço! Só por que a gente trepou não significa que eu esteja perdidamente apaixonada por você.

Ele fez uma longa afirmativa com a cabeça:

— Ah, significa sim! Eu sei ler as pessoas não pelo que falam, mas pelo que deixam de falar e, mais do que isso, pelos seus gestos, pela expressão do rosto, pelo seu andar, e por coisas do tipo. Eu sei ler esses sinais que nem um índio batedor que vê rastros que os pretensamente civilizados não conseguem enxergar. Eu acredito que o essencial na minha tribo, nos caras do meu movimento, talvez não seja propriamente as letras das músicas, ou a roupa rasgada. Isso, esse lado externo, é só moda. Mas, antes de tudo, é a atitude, Marcela, não se esqueça disto. Pra uma banda, pra vida, pra arte, o essencial é a atitude. E pra ter atitude, não é preciso de muito estudo. Basta ter duas coisas: intuição e instinto. E todo mundo tem essas coisas, mas a escola, o Estado, o sistema Capitalista e o caralho a quatro fazem questão que você esqueça ou finja que não têm e vire um maldito robô condicionado a dizer sim a tudo o que aparece na televisão.

— Pôxa, que sermão! Pareceu um padre falando! Só faltou dizer amém! — Marcela disse, sorrindo.

— Vai se foder! Estou falando sério. Mas por que falou que eu só adivinhei em parte o que você estava pensando?

— É que, com esse chapéu coco, você também está me lembrando de uma figura do velho Oeste chamado Bat Masterson. Ele, ao contrário dos caubóis, se vestia com aprumo e era um perfeito cavalheiro. Excelente jogador e excelente

atirador. Bat Masterson era uma espécie de contraste perambulando no Velho Oeste, e nisso ele lembra muito você.

— "Bat" Masterson?! Essa não! Vai dizer que no Velho Oeste já tinha gente deprimida que andava de preto e curtia morcegos e sepulturas? Argh!

Ela olhou para ele, surpreendida:

— Ei, até que é uma boa associação de idéias!

Ele riu:

— É o tipo de associação que eu odeio. Viu? Você já tem faro de seguir a trilha do que me irrita.

Sem prestar muita atenção, ela continuou devaneando:

— Eu nunca parei para imaginar que os tiroteios dos cauboys no Velho Oeste aconteciam ao mesmo tempo em que na Europa ocorriam todos aqueles movimentos artísticos que eram apreciados por gente bem vestida e reinada. O Bat Masterson andando naquelas cidades de faroeste acabava tendo, sem querer, um pouco da sincronia dessas duas realidades.

E sem ela perceber, estranhos anseios de arte iam ecoando timidamente na cômoda caverna onde sua alma estava sonolenta, dormido de cabeça para baixo e esperando o momento certo para despertar.

A noite negra, bem negra, arejada e com estrelas. Ela via e gostava. E depois olhava para ele, negro, com movimentos leves e cheio de estrelas dentro de si. Ele era o seu céu estrelado particular. Isso excitava sua alma, que até então era difusa como uma perdida nuvem de poeira cósmica, mas algumas estrelas pareciam já estar em gestação em tal nebulosa.

— Para onde vamos, meu amor?

Ele de repente estancou:

— O quê?!

— Eu somente perguntei pra onde a gente vai, amor.

— Nunca mais diga isto!

— O quê?

— "Meu amor".

Ela fez uma cara de que não estava entendendo.

— Escuta, moça, nunca me chame de "meu" amor, ou "meu" querido, ou "meu" sabe-se lá o quê. Eu não tenho dono, caralho!

— Mas é uma forma de carinho...

— Pega o seu carinho e enfia no cu!

Ela perdeu a paciência:

— Vai você tomar no seu cu! Cara, você muda muito rapidamente de humor!

— Mudo mesmo, caralho.

Ficaram em silêncio por um tempo.

Depois de caminharem calados por alguns momentos, ela perguntou:

— E aí, pra onde a gente vai?

— Pra uma balada barra-pesada chamada "Castelo".

Ela sentiu medo.

— Ei, não precisa ficar assim preocupada — ele tentou contemporizar — essa balada já foi boa, cem por cento punk, a quebradeira era geral.Agora lá tá aparecendo muitos desses viadinhos de preto, e a casa, numa atitude bem capitalista, tá mudando o som ao gosto do freguês. Acho que o nome dessa porra nova é movimento gótico, ou algo assim. Cara, eu odeio esse som! Odeio essas bichas de preto com maquiagem na cara que nem um bando de travestis decadentes. Esses bostas usam batom preto para combinar com as luvas de renda preta e transparente que nem a camisa regata sem manga.E o penteado? Careca dos lados da cabeça e em cima um cabelo armado que nem um cogumelo. Puta, meu, se há uma coisa que torre o meu saco é essa merda! E o pior é que algumas bandas boas agora enveredaram por essa nova moda. Isso é mesmo o fim do mundo!

Um sorriso aflorou nos lábios vermelho-prostituta dela.

Chegaram lá. Ele suspirou de tédio ao ver a nova fachada em estilo medieval.

— E pensar que isso aqui, nos bons tempos da pedreira punk, se chamava "Cascalho". O cascalho é aquele entulho sem valor nenhum onde todo mundo tropeça de vez em quando. Mas sem cascalho não tem concreto, e sem concreto, acabou-se a nossa civilização!

— É verdade. Então, quer dizer que para o sistema capitalista continuar funcionando, é necessário que de vez em quando apareça uma juventude rebelde, uma nova pedra de tropeço, que, no fim, será usada na construção do muro como todas as outras demais pedras idiotas? E eu achava que o tal do cascalho era usado pra quebrar algumas vidraças...

Sem prestar atenção na incoerência altamente maldosa — talvez sem ter essa intenção — apontada por Marcela, Rodrigo continuava a devanear mais pra si mesmo:

— ... e então mudam o nome desta porra pra "Castelo" Caralho, o que é um maldito castelo? Um lugar que a elite usava para se proteger dos camponeses enfurecidos. E, mais do que se proteger: para se esconder. Hum... merda, me lembrei que tô duro. Por acaso você tem algum cascalho aí contigo?

Mas Marcela nem precisou socorrê-lo com grana, pois os caras do salão logo o reconheceram como baterista do Jóia de Ouro em Focinho de Porca e deixaram tudo por conta da casa, inclusive a consumação.

— É, ser punk realmente serve para alguma coisa — murmurou Marcela, enquanto via um bizarro cortejo de malucos de roupas cada vez mais rasgadas, vagabundos vindos do fim do mundo ,saírem do interior das trevas do salão para cumprimentarem o baterista. Já naqueles dias o lugar tinha mudado radicalmente sua decoração por conta da nova moda gótica e era totalmente escuro, somente uma ou outra luz débil alaranjada aqui e acolá a indicar o balcão do bar ou a pista de dança, de onde vinha o estremecedor som dos pesados acordes no contrabaixo junto ao ensurdecedor tom marcial e cavernoso das baterias de algumas das novas músicas desse estilo que tanto incomodava Rodrigo. Ao entrar na escuridão opressiva do Castelo se tinha a vívida impressão de se estar entrando numa tumba em tamanho família, onde se ouvia a batida surda do coração do inferno interior. Mas do lado do salão onde rolavam as músicas havia também um átrio ao ar livre com algumas árvores finas e solitárias de onde se podia ver um bom pedaço do céu onde a lua minguante aparecia.

Lá no átrio estava acontecendo um sarau literário. Um dos amigos de Rodrigo lhe ofereceu um copo de rum, outro amigo lhe ofereceu um cigarro, e

outro ainda, sabendo que ele era o letrista do Jóia de Ouro, pediu que ele subisse no pequeno palco de madeira e declamasse alguma coisa. Ele assim fez. Subiu no palco, deu uma tragada e na penumbra a pequena brasa do cigarro se acendeu. Ele bebeu todo o rum de uma vez só, como um cachaceiro profissional. Caminhando pelo palco lentamente, tal uma fera enjaulada, ele ajeitou o chapéu-coco, e enquanto olhava abstrato e distante ora para o chão de madeira, ora para a lua, começou a soltar no ar algumas palavras, que de perdidas acabavam se esbarrando umas nas outras e fazendo versos:

eclipsomem

Sou eclipse-homem
escondo o sol
com meu corpo
pondo um estrondo
nas almas
Suponho que incomodo
componho nódoas
de sonho
de sangue
de saque
de santo
e apronto
e afronto
Estou na frente
sou jovem
estou negro
como meu coração
que me come
e me cospe
prato e pretensão

e não sou somente

um afro-descendente

Porra!

Seja condescendente

apenas com

sua mentira

Pois sou pretensioso

um eclipse-homem

que vai foder meio-mundo

que depende de iluminação.

Minha escuridão

deixará em treva

o que não esteja em transe

Vou eclipsar

muita gente.

Então a religião

não vai servir pra nada,

e nem o

Estado,

E nem o estudo

Nem o Trabalho,

E nem o estupro

Já está tudo armado

É estúpido e intransigente:

Serão afogados

pelas sombras

desse eclipsomem

sombra de inverno nuclear,

sobras de lixo

sombras de dúvida

sombra de estrelas

da televisão
e é tão bom odiar contigo
oh, eclipse estúpido
.
.
.

— Se eu não soubesse que você detesta essa nova moda obscura, diria que esses versos são... - um amigo dele balbuciou.

— Bobagem. Eu odeio vampiros, morcegos, morto-vivos e os nós cegos que curtem essas coisas — Rodrigo comentou calmamente quando saiu do palco — como é que alguém pode levar a sério quem curte um filme imbecil que nem Nosferatu? O vampiro desse filme sai pelas ruas carregando o caixão debaixo do braço, como se fosse a coisa mais banal do mundo.

Depois disto, Rodrigo e Marcela foram até o balcão, onde o baterista pediu duas doses de cachaça. Ele entornou de uma vez e bateu o copo vazio com força no balcão:

— Ah, boa e velha cachaça! Destilada da cana-de-açúcar cultivada em grandes plantações por outros camaradas negros que nem eu para que um vagabundo - que por acaso sou eu! - tenha o exclusivo prazer estético de bebê-la como um porco num antro burguês e decadente como este. Amém, Jesus! É curioso também o grau de decadência em que meti, já que os meus antepassados batiam tambores para os deuses lá na África, e hoje eu esmurro a minha maldita bateria para o deleite de jovens de classe média que pensam que são rebeldes só porque espetaram um alfinete na cara. Por mim, poderiam espetar o alfinete no cu; seria bem mais divertido. A propósito, minha cara representante das forças opressivas da sociedade, eu ouvi a observação irônica que a senhorita proferiu assim que entramos. E creio que a senhorita tenha razão, o punk é um embuste que serve apenas para que um negro metido pose de astro do rock alternativo e entre sem pagar numa espelunca como esta; e que saber? Isso é bem punk e

bem divertido também. Mas, aproveitando que estou bem prolixo, vamos falar um pouco da senhorita. Para que a senhorita serve, além de ser um depósito ambulante de desculpas para o papai e para a justiça do Estado?

Ele pegou na mão dela:

— Vamos ver se essas suas botas, tão acostumadas a amassar a cara de pobres favelados também sabem dançar ao som dessas malucas músicas góticas!

E ele a puxou para o escuro salão onde a música rolava solta.

Ela não queria ir. Parecia uma ovelha que se recusa a ir para o abatedouro e é puxada por uma corda amarrada numa de suas patas. Ela tentou argumentar:

— Eu pensei que você odiasse música gótica!

— E eu odeio!

— E então?...

— Não há nada mais divertido que dançar como um epilético uma música que a gente odeia! Ha! Ha! Ha! Ha!

— Mas eu tenho vergonha de dançar no meio de tanta gente!

— Que nada, você vai se divertir. É como trepar, só que em pé!

Uma vez lá, ela se sentiu como numa arena negra. Quando a luz estroboscópica brilhava, em frações de segundo, ela via o mar escuro das cabeças, dos vultos de sobretudo preto, dançando vertiginosamente, as capaz agitadas mas de forma estranhamente estática sob o brilho furtivo e fantasmagórico do estrobo, que tornava tudo como uma sucessão de fotos no escuro. Ela se sentiu perdida e tonta com aquela luz e com aquela música. O barulho era tronituante, as paredes pareciam querer desabar, ela ouvia trechos isolados das músicas, que falavam em desgaste, putrefação, sordidez, atmosferas mórbidas, solidão, desilusão, perda, vertigens, tristeza absoluta, profundidades obscuras da existência e do ser, vidas destruídas, citações a coisas desconhecidas e descrença pelo futuro; entretanto, incoerentemente, ela começou a sentir uma vontade esquizofrênica de dançar ao som daquelas músicas e de sorrir para toda aquela onda negra. Quando começou a tocar uma música mais lenta, Rodrigo a abraçou e falou ao ouvido dela:

— E eu pensei que o punk era a destruição final. Mas até ele está sendo destruído por essa nova moda de pessoas que se vestem de preto. O mais extravagante dessa história é que elas cultuam a cor que tem sido a minha sina desde que nasci.

— Você não gosta de ser negro?

— Pelo contrário! Eu adoro! E ainda mais agora, com essa maldita moda gótica, a cor preta está mais na moda do que nunca! Enquanto esses branquelos idiotas se vestem de preto, eu já nasci preto, e enquanto eles tentam cultivar a morbidez, eu a experimento diariamente na minha própria pele. Acredite, não é fácil ser parado pela polícia ou perder a merda do emprego por causa da sua cor. A saída que eu encontrei para não enlouquecer foi a arrogância de ser um artista e de me achar melhor que o resto. Mas, no fim, isso é apenas uma ilusão.

Havia tristeza no olhar dele.

— Beije-me querida. Beije-me no escuro. Onde eu me fundo e desapareço.

— Não fala assim ,merda! Eu amo você.

— Não, você tem uma ilusão em que quer se segurar para não lembrar que está sozinha num mundo em que Deus não existe, e essa ilusão você chama de amor. Acredite, querida, a única ilusão doce e que vale a pena se apegar é a arte. A arte é a única ilusão, com ela esquecemos do resto e até lembramos de Deus.

Ele pegou nas duas mãos dela:

— Me prometa, querida, que terá arte na sua vida, que você criará algo sublime e que valha a pena. Se algo ficar de mim em você, que seja isso.

Ela sentiu seus olhos marejarem, como se estivesse se despedindo de alguém.

— Mas Rodrigo, eu já tenho vinte e dois anos! Acho que já é tarde demais para eu me envolver com arte. E não tenho a coragem que você tem. Acho que vou me aposentar na polícia.

Ele sorriu, como se soubesse como s coisas seriam dali por diante.

— Bobagem. Eu sei que você consegue. Você tem de se envolver com arte para aprender a me odiar.

Antes que ela pudesse retrucar, ele tampou sua boca com a palma da mão:

— Pssst. Agora vamos dançar calmamente essas músicas que eu odeio. Vamos dançar o fim das coisas que me são caras, vamos aplaudir a constatação que a ideologia em que eu acreditei com tanta sinceridade no fim das contas não passou de um punhado de músicas que já foram substituídas na pista de dança por outras. Vamos celebrar cinicamente a nossa obsolescência. É impiedoso a gente chegar nesse ponto, mas é até doce. Como a ilusão do amor e da arte. Eu amo você, Marcela. Pois sinto que lá no fundo do seu ser o germe do ódio já está germinando. basta regá-lo bem com suas lágrimas, que eu sei que são abundantes.

Quando foi? Quando foi que ele sumiu? Depois daquela noite eles ainda se encontraram várias vezes. Mas foi ali, justamente ali, que ela teve a vívida impressão que ele desaparecia para sempre. Ali ela ainda o abraçava, mas já era o corpo que se desfazia em sombras, sombras frágeis, como os retalhos do tecido frio da passagem do tempo tal uma fina e branca mortalha em alguém esquecido e morto embaixo de um solo por onde ninguém passa, e frios, frios, frios como os vapores que se erguiam inexplicáveis na pista de dança, vapores que tornavam tudo mais etéreo, eram formas claras, formas alvas, de luares e neblinas, formas que se contorciam em dobras e vincos como uma misteriosa cortina aberta lentamente, trazendo-a novamente à baila aquilo que já não era, ou seja, ela voltava lentamente a si, perdida que estava entre os vazios.

As cortinas balançavam de maneira quase imperceptível, revelando um movimento anterior, como se de fato ela tivesse vindo voando de um outro tempo e espaço até a cama onde estava. A fumaça do cigarro se dissipava no ar; o menino obscuro contemplava a solidão da noite pela janela, ao longe pequenas luzes vermelhas piscantes das torres dos edifícios piscavam silenciosas.

Sem olhar para ela, ele perguntou:

— E o que aconteceu com ele?

— Bem, o que aconteceu com ele é o que aconteceu comigo. Nós brigamos e peguei um ódio por ele, e não só por ele, mas também a tudo o que lhe fosse precioso. Nunca pensei que pudesse odiar tanto uma pessoa. Era uma coisa doentia da minha parte, fiquei cega. Obsessiva.

— O que você fez?

— Basicamente, fiz o Art Noveau.

Ela ficou um pouco em silêncio, olhando para o teto, olhando para as coisas do seu passado ecoando, olhando para si mesma, olhando o vazio. E quase murmurando, ela falou:

— Meus Deus, como alguém pôde me conhecer tão profundamente? No fim das contas eu fui um marionete da vontade invisível dele. Pensando estar fazendo coisas que lhe desagradavam, eu fiz tudo o que ele no íntimo queria que eu fizesse. Aquele grande filho da puta romântico e inigualável! E seu principal plano deu certo.

— Qual plano?

—O seu plano era eu criar ódio por ele para eu me libertar de mim mesma. O meu ódio me transtornou, fez com que eu fizesse várias merdas sem medir as conseqüências. Por exemplo, ter saído da polícia para montar uma banda. Sequer eu sabia alguma coisa de música! Mas também esse ódio me fez trabalhar dia e noite nesse projeto, apenas para criar algo que pudesse esfregar nas fuças dele.

Uma pausa. Uma tragada.

— Mas sei que não foi só isso. Eu, no íntimo, sei que o Art Noveau não surgiu simplesmente como uma mera desculpa para irritá-lo. O Art Noveau captou com arte o que estava sutilmente no ar naqueles tempos, e toda coisa artística que merece algum tipo de crédito sempre tem algo do seu tempo e ao mesmo tempo possui o sublime além do tempo. A arte que é feita com o coração é transgressiva por natureza, mas também pertence a uma ancestral tradição de excelência. Mas para se entregar de corpo e alma à criação é necessário antes que surja a primeira fagulha. Essa fagulha surge com alguma mudança brusca em nossa vida, e Rodrigo sabia disso; sabia que, para eu me mexer, seria necessário muito ódio na minha vida. Graças a ele eu deixei a estabilidade de emprego para me meter em aventuras. Se tivesse permanecido na polícia, hoje eu estaria aposentada. Mas não. Atualmente eu mal tenho para ter uma vida razoável; foi o preço que tive de pagar para num certo momento daminha vida produzir uma arte

sublime, que sei que ficará para sempre. Mas valeu a pena ter pago esse preço. Me arrisquei muito, mas também me diverti um bocado. Enfim; vivi.

Uma espiral de fumaça.

— Ele conseguiu que eu me tornasse uma mulher realmente forte e independente. Antes eu achava que, para ser forte, precisava ter um revólver. De certa maneira ele me mostrou que existem armas mais sutis e poderosas para a gente conquistar o respeito alheio. Hoje eu vejo a incongruência que foi o fato de que eu, uma mulher, parte integrante de uma parcela discriminada da história humana, também tenha colocado na parede muita gente apenas por sua aparência física, como foi o caso do Rodrigo. De discriminada, eu acabei fazendo parte do mecanismo que discrimina. Uma vez ele me falou da guerra no Oriente Médio, onde negros e mulheres pilotavam helicópteros de guerra para lançar mísseis em civis árabes inocentes. Ele disse esse episódio mostrava que todos, minorias ou não, eram realmente iguais. Iguais a um monte de merda. Esse legado rebelde dele é uma das coisas que ainda respeito, pois é um espinho encravado no cérebro a me mostrar com dor o que é certo e o que é errado.

— Mas realmente o que aconteceu com ele?

—O Rodrigo sumiu faz uns vinte anos. Como a Cecília morreu de AIDS, eu acredito que ele tenha morrido em algum canto por aí, aidético e drogado. Dizem por aí que ele tinha relações com os outros membros da banda, o que eu não duvido.

Ela se levantou irritada, jogou o cigarro pela janela e falou:

— Mas chega de falar de toda essa merda. Chega de falar de mim! Chega de falar da minha vida! Você é apenas um fã imbecil de uma banda que não existe mais, não é? Então eu só responderei sobre a porra da banda, e se eu estiver de mau-humor, nem isso eu respondo mais.

— Talvez outro dia — o menino obscuro falou e a abraçou — talvez outro dia.

....

E o menino obscuro Daniel e o filho de Marcela se davam muito bem. Marcela poderia dizer que estava com sorte, pois tinha uma família feliz.

— Temos que fazer com que sua mãe toque novamente — disse em outro dia o menino obscuro Daniel.

Na cozinha estavam o filho dela, Alan, e sua namorada, a menina de cabelo azul. Tomavam café, comiam bolachas, liam gibi, falavam de rpg e desenhos japoneses desconhecidos.

— Desista, cara. É mais fácil as estrelas caírem.

— Olha, cara — a menina de cabelo azul, que estava usando uma camisa regata branca com um desenho animado japonês verde, calças pretas, em estilo bailarina e tênis de cor roxa de solado branco, principiou a dizer — eu sou obrigada a concordar com o Alan. Eu gostaria de vê-la tocar. Sinceramente. Mas a dona Marcela é teimosa, e botou na cabeça que nunca mais iria fazer isso.

— Pois então as estrelas virão abaixo! Ela vai voltar com o Art Noveau! – Daniel falou com um brilho furioso nos olhos.

....
.
.
.

— Quem sou pra julgar minha mãe? Se ela gosta de um cara da minha idade, foda-se: é problema dela — disse Alan para sua namorada magricela de cabelo azul enquanto namoravam. E a namorada de cabelo azul achou isso muito bonito, e gostou ainda mais dele.

— Mas o que acha da gente ajudar Daniel?

— Por mim tudo bem. Mas acho que ele nunca vai conseguir convencer minha mãe.

.
.
.

— E qual é a sua história? — um dia Marcela perguntou a ele.

— Eu? não tenho nada demais. a não ser...

Ela, que bebia um copo de vinho, arremessou o copo na parede:

— PORRA! Você, seu moleque do caralho, chega assim do nada e acha que pode me dar ordens e não quer me dizer quem é você? O que você acha que eu sou? Vai tomar no seu cu, seu pirralho de merda!

E ela não ficou só nisso. Deu um soco nele. Daniel caiu para trás, pesadamente, sobre um monte de coisa que se partiu. Ele se levantou, limpou o pequeno fio de sangue do canto de sua boca. Suas olheiras estavam mais sinistras que nunca, quase encobrindo totalmente seu olhar. Ele todo era uma mancha preta, quase líquida, a negrejar como uma flama.

— Muito bem. Que tal visitar a minha casa?

....

— Este é meu quarto!

Ele apresentou o lugar.

Colunas de mármore negro. Perfume de dama da noite bem forte. O interior escuro. Frio.

Era um mausoléu do cemitério.

— Mas que diabo é isso? — ela disse, ao ver realmente um colchonete num canto. Tocos de velas, uma vitrola à manivela, blocos de discos de vinil, livros velhos, roupas jogadas pelos cantos.

— É aqui que eu vivo. E também onde trabalho, sou coveiro desse cemitério.

Ela perambulou em passos lentos no interior do mausoléu, não satisfeita nem um pouco com a resposta. Marcela se sentou na grande tampa retangular de mármore branco que vedava a suntuosa tumba situada no centro daquela

pequena capela mórbida. Puxou um cigarro, e cruzou os braços de uma maneira ao mesmo tempo displicente e elegante, olhando seriamente para ele, com o cigarro aceso pendendo entre os dedos, e a aragem gélida desenhando estranhos caprichos com a fumaça.

— Que você trabalhe de coveiro, isso é uma coisa. Mas morar num lugar desses, é completamente diferente. O que diabos há com você? Você acha mesmo que eu fiz músicas para alienados mórbidos que nem você? Qual é a sua?

O menino obscuro não sabia o que fazer e nem o que falar. Parecia sentir um enorme embaraço, uma enorme vergonha. Sem ação.

— Eu pensei.. eu pensei... eu...

— Você pensou errado, cara. O estilo dark wave do Art Noveau não tem nada a ver com isso.

Mas aí o menino obscuro fez um gesto para falar:

— Espera aí! Mas justamente... o ponto é justamente esse!

— Não entendi — ela retrucou, ainda olhando séria para ele.

— Não! Não tem a ver com algum estilo artístico, ainda que dê essa impressão. Tem a ver somente como eu me sinto. E, ao mesmo tempo, tem a ver com a fantasia que eu criei para encobrir o que eu sinto.

— E como você se sente?

— Eu me sinto como um morto. Ou melhor, como um morto-vivo. E isso nada tem a ver com depressão ou pessimismo ou angústia, mesmo que pareça. Apesar de me vestir de preto, eu pareço deprimido para você?

— Não — ela concordou — mas, então?....

— Eu me sinto um morto-vivo porque eu me sinto deslocado na vida. Eu não consigo ter os planos que as pessoas têm.

— Que planos?

— Isso de ser fazer uma faculdade para se ter uma boa profissão e ganhar dinheiro para comprar uma bela casa daqui a dez anos. Ter um carro! Ter um computador! Isso tudo me apavora, pois as pessoas brincam de ser Deus, achando que o futuro lhes pertence, e eu não consigo agir dessa maneira! Eu sei que as pessoas estão certas, e então essa minha inabilidade para essas coisas

me faz sentir como um defunto que anda deslizando entre as pessoas, como um fantasma, como alguém que morre todos os dias e descobre a delícia estranha de passear livremente por um mundo que não lhe pertence mais! Você já se sentiu assim?

— Bem, eu confesso que não.

— Pois eu a todo instante me sinto tomado pela fria liberdade de um fantasma que anda no mundo um dia depois de sua própria morte. As coisas que eu vejo, as pessoas anônimas que esbarro nas ruas, os problemas que vejo nos jornais... nada disso parece ser feito para mim. E eu choro, sabe? Eu estou além da inutilidade, e é forte a sensação de já estar morto. Aqui nesse mausoléu eu crio estranhas fantasias, fantasias que ficam fortes. Por exemplo, eu acho que o meu verdadeiro corpo está dentro dessa tampa de mármore que você está sentada.

— Você não tem casa, Daniel? — ela perguntou, tentando disfarçar o choque de ouvir tudo aquilo.

— Eu tenho. Mas é aqui que me sinto bem. Eu durmo aqui dentro. Mesmo nas noites de frio e de chuva. E sonho que estou perambulando por lugares esquecidos.

Marcela Bygton tentou imaginar o que seria passar noite após noite naquele porão de mármore frio, sem ninguém por perto, e teve a pior sensação que pôde ter na vida. Era uma sensação de abandono e frieza, dum esquecimento podre, como se a gente descobrir que algum parente que amávamos, por exemplo uma mãe ou uma avó, e que pensávamos ter falecido, na verdade está a quatro anos preso numa tumba de mármore, se alimentando sabe-se lá Deus como. Marcela pôs a mão na boca e tentou abafar um soluço de choro. Mas não conseguiu. A cara inocente de Daniel continuava impassível. Ele continuou falando:

— Mas aí eu conheci você, Marcela. Você nunca terá idéia do que representa para mim. Com você eu estou pela primeira vez deixando de lado essas minhas fantasias de morte.

E então finalmente aquela chuva desabou dentro dele. Ele a abraçou fortemente, e ela sentiu as lágrimas quentes dele no seu rosto e pescoço:

— Me deixe ajudar você, Marcela! Assim, eu me ajudo, também!

— Pobre Daniel! - ela chorou, passando os dedos entre os cabelos dele como quem consola um filho mais novo.

....

— Muito bem, pessoal, eu prometi ao Daniel que voltarei a tocar — Marcela disse para o filho e para a namorada do filho. Eles se entreolharam espantados e depois olharam para ela e para o menino obscuro que estava abraçado nela:

— Como você conseguiu? — Alan perguntou, incrédulo.

— Espera aí, porra! — a mãe Marcela falou, se desvencilhando um pouco de Daniel para fumar. E, depois que acendeu o cigarro, pôs-se a andar de um lado para outro, na sala.

— Não é tão simples assim. Eu estabeleci condições. Em primeiro lugar, todos vocês vão entrar para a banda.

— Mas mãe, e os antigos integrantes?

— Eles não voltariam a tocar comigo, podem acreditar. Por alguma razão desconhecida, eles sempre me acharam temperamental demais. Além disso, eu não quero voltar com o Art Noveau só pra tocar aquelas músicas antigas. Já vou logo avisando: nada de "Acústico Art Noveau”, se isso acontecer algum dia, eu me mato.

Todos riram.

— Eu quero material novo!

— Mas dona Marcela, isso pode levar um bocado de tempo! Além disso, a gente nem sabe tocar direito! — Letícia falou, a um tempo preocupada e excitada.

— Marcela soltou uma baforada desafiante:

— Eu sei que vai levar um tempo pro material novo ficar pronto. E eu não ligo a mínima quanto tempo vai levar. Você, filho, cuida das guitarras e a Letícia de cabelo azul fica com os teclados. Eu fico com o contrabaixo. E podem deixar que eu ainda conheço uma meia dúzia de pessoas que têm estúdios profissionais

de gravação. Enquanto isso, eu vou elaborando as melodias. Eu não sei quanto tempo vai levar, moçada. Se meses ou anos. Nesse período a gente vai se aprimorando.

— Dona Marcela, e aquele lance de que o disco "Arizona feito Paris" tinha o seu melhor e por isso a senhora nunca mais faria novas músicas?

— Ué?! O que tem demais, Letícia? Se a gente fizer o novo disco e ele sair uma merda, quer dizer que eu estava certa. Se o disco ficar melhor que o primeiro, então quer dizer que eu estava errada. De qualquer modo, sairei lucrando — ela falou, dando de ombros — vai ser divertido à beça! Encarem isso como um passatempo. E você, mocinho — ela disse se voltado para Daniel — você vai escrever as letras.

— Mas eu?! — Daniel balbuciou visivelmente embasbacado.

— Sim, Daniel. Você fará as novas letras do Art Noveau. Você terá a maior responsabilidade nessa nova formação. Você fará as letras que serão as legítimas sucessoras daquelas músicas de que tanto gostou. Compreende? Compreende que, com isso, eu não estou pedindo somente letras?

Todos olharam para Daniel. Sim, ele compreendia. Ele olhou para ela:

— Mas eu também tenho uma condição, Marcela.

— Qual?

—Que você pare de fumar imediatamente.

Ela pensou um pouco:

— Feito!

O filho e a namorada Letícia sorriram. Num só dia, aquele menino obscuro conseguiu duas coisas sobrenaturais!

....

Marcela Byngton ficou satisfeita consigo mesma ao delegar ao menino obscuro a função de criar as novas letras do Art Noveau. Ela havia aprendido muito bem os "truques" do seu antigo amor, o baterista poeta Rodrigo. Se este fez com que ela o odiasse para se libertar de si mesma, agora a Marcela procedia de maneira similar — não que a criação dessas novas letras faria com que Daniel a

odiasse, pelo contrário! Mas ela sabia perfeitamente que aquela tarefa faria com que o menino abandonasse aquela horrível sensação de não ter projetos e se sentir um morto-vivo. Marcela sabia que tinha acertado em cheio! Onde quer que esteja, obrigado, Rodrigo — ela pensou e suspirou.

Daniel se entregou de corpo e alma à nova tarefa. Mas ele sentia que antes mesmo de rascunhar qualquer palavra, ele tinha antes de captar todo o clima do Art Noveau.

A começar pela mais básica de todas as coisas: o que era o movimento Art Noveau? Ele começou a comprar livros no sebo sobre esse belo movimento artístico do fim do século dezenove, mas logo viu que livros não adiantavam para fornecer uma visão "de dentro" da coisa. Então ele resolveu fazer um curso de desenho e pintura. Mas achou que isso não bastava, e logo prestou vestibular para Artes Plásticas e passou a cursar um curso regular de faculdade! Ele visitou museus e fez pinturas em aquarela e tinta a óleo, estudou as obras de Toulouse-Lautrec e Jules Cheret. Passou longos meses nesses estudos. E, quando finalmente pensou que poderia saber tudo o que se poderia saber sobre o movimento Art Noveau, suas atenções foram sendo lentamente atraídas para o expressionismo e os movimentos artísticos que saíam do século dezenove e adentravam o século vinte, em especial o expressionismo.

Marcela notava a empolgação de Daniel e ficava feliz, pois ela também se empolgava. Ele mudou o vestuário; saíram as roupas pretas e entraram o cavanhaque de artista, os óculos de aro oval e e os ternos listados, um visual inspirado no dos cavalheiros europeus do início do século vinte. Ele realmente estava vivenciando tudo aquilo com sinceridade e amor. E, quando ele falou das suas idéias do próximo disco do Art Noveau se inspirar no Expressionismo, em vez de fazer outro disco temático sobre o movimento anterior, Marcela aplaudiu e disse "muito bem!" O menino estava no caminho certo. Ela, todavia, fez algumas restrições. A inspiração expressionista deveria se restringir à pintura. A cor deveria ser o principal mote de inspiração. Por isso, nada de cinema alemão expressionista. Nada de Nosferatu. Metrópolis e Gabinete do Dr. Caligari.

Mas, da mesma forma que o primeiro disco do Art Noveau não era propriamente um disco sobre o movimento Art Noveau - que era quase que "soprado" nas músicas que falavam sobre o que de sublime e artístico poderia haver na solidão da época em que Marcela tinha vinte e dois anos, o Expressionismo para o próximo disco da banda era apenas sugerido por pincéis melódicos invisíveis.

As reuniões da nova formação eram quase semanais.Para servir de inspiração, eles iam ouvindo discos de darkwave e ethereal, como por exemplo as bandas francesas Collection d'Arnell-Andrea, Kas Product e Opera Multi Steel. Ouviam também Cocteau Twins, Dead Can Dance e Ataraxia. Alan trazia alguns discos de metal melódico, como Angra e Shaman, para eles tentarem de alguma forma encaixar as guitarras desse estilo no darkwave. Tarefa difícil! Mas aos poucos a guitarra rápida do metal melódico ia se ajustando aos teclados frios do darkwave.

— Letícia, eu quero que o próximo disco tenha muita mitologia celta, duendes, fadas, elementais, florestas mágicas, lances de wicca e feiticeiras e as demais coisas que você curte. Eu faço questão — Marcela disse, e a menina do cabelo azul ajeitou os óculos, lisonjeada — pode até colocar alguma coisa do seu vegetarianismo. E para o filho, ela levantou as mãos:

— Tudo bem, pode ir bolando alguma coisa do clima dos videogames de rpg pra esse disco! Eu não sei o que pode ser, sei lá, pode ser uma imagem, uma idéia... use a imaginação! E vai bolando a capa com esses programas doidos de edição de imagem que você tem. Se quiser criar um site ou outra porra do tipo, fique à vontade!

Marcela sentia que essas loucas misturadas, no fim, não eram tão absurdas assim e nem estava fazendo essas misturas somente para agradar Alan e Letícia. Sua intuição e seu instinto lhe diziam que as futuras músicas do Art Noveau deveriam beber daquelas fontes, ainda que o gosto de Marcela sentisse certa resistência àquelas coisas "modernas".

Enquanto que o disco anterior poderia ser designado um disco de dark wave com um pé no gótico, o novo trabalho ia se desenhando como um trabalho de dark wave com um pé no ethereal.

Todos trabalhavam febrilmente. E à noite, tinham ótimas noites de amor. Somente quem vive um clima eufórico de criação coletiva e cumplicidade amorosa sabe o que é isso, e nisso parecia que eles estavam participando de um novo movimento cultural.

Os detalhes iam surgindo, era uma teia envolvente.

Se o que ditava o tom do primeiro trabalho era a concomitância entre solidão selvagem e refinamento artístico, o natural envolvimento e o prazer de estar e criar juntos e a enpolgação daquela família fazia com que esse clima bom , arejado e gostoso fosse aos poucos se refletindo nas músicas que iam surgindo. "Eu pinto o que eu sinto", disse Van Gogh. E eles pintavam suas músicas com as cores dos mais belos sentimentos. O primeiro disco era o prazer de se criar sozinho num ateliê, de se sentir um artista solitário e negro no meio de uma multidão cinza . O segundo disco eram as cores do prazer de se encontrar com vários artistas amigos seus num café para se celebrar a vida.

Para Daniel,aquele projeto era o projeto de viver, de sentir vivo. Era a sua saída definitiva da escuridão e da mórbida vida num mausoléu. Passou a morar na casa de Marcela, arrumou outro emprego. Ele teve uma rotina feliz, de amor e compreensão. Se divertia muito nos encontros familiares, anotava as sugestões de cada um, saía com Marcela, ia ao cinema com ela, e depois se amavam e dormiam juntos. Marcela parou de fumar e rejuvenesceu a olhos vistos, e ia sempre em baladas de estilos musicais diversos, e nelas, além de se divertir, tentava captar novas idéias para melodias. Ela queria que o disco fosse absolutamente atual, e não calcado em lembranças mortas.

Lentamente o disco foi sendo construído com excelência e alegria de viver. Ele foi se desenhando como um passeio delirante por uma floresta bem densa, com árvores frondosas como que pintadas ao mesmo tempo por Van Gogh, Edward Munch e Henry Matisse, com rios e céus pintados em aquarelas naquele estilo em que se deixa a tinta se espalhar livremente pelo papel e fazer

caprichadas espirais que surgem ao acaso e, no entanto, mais bonitas qeu se tivessem sido feitas com pincel. E nessa densa floresta os sentimentos gerariam visões dos elementais sugeridos por Letícia, e o vento faria o som das guitarras de Alan, O ritmo do andar do compasso do coração era dado pelo contrabaixo de Marcela, que também emprestava sua voz às fadas que apareciam nessa paisagem musical. Essa viagem luxuriante também lembrava os passeios minuciosos pelas paisagens das florestas de videogame em estilo rpg; na verdade, mais do que isto: era como o ato de se jogar videogame numa tarde maravilhosa, com frio do lado de fora e calor no interior da casa e no interior das pessoas que estão nessa casa.

Havia ainda uma ponta de tristeza em algumas canções, como as que falavam de um morto-vivo que queria viver e das lembranças de um amor poeta que usava um chapéu-coco e escrevia poesias na pele das pessoas. Em ambas as músicas o timbre de voz de Marcela assumia a tristeza cristalina da Chloé Saint-Liphard, vocalista do Collection d'Arnell-Andrea, em músicas cortantes como "Aux Glycines Défuntes".

....

Quase dois anos depois de muito trabalho, inspiração e envolvimento, e sem muito alarde, o disco: ART NOVEAU – EXPRESSIONISMO, saiu.

O Alan criou um caprichado web site com tecnologia 2.0 para difundir o novo material, o visual do site foi baseado em desenhos de Daniel, e os sons da navegação ficaram a cardo de Letícia. As cores predominantes eram tons de verde, em vários degradées, para se enfatizar a viagem sonora por uma floresta pintada de uma maneira imaginária por grandes artistas expressionistas. Também criou comunidades em sites de relacionamento, e disponibilizou algumas faixas para download. Havia também fotos históricas dos antigos shows, inclusive aquela em que a Marcela se vestia de vampiro nosferatu, e uma completa bibliografia sobre a história da banda, sobre o que era darkwave e sobre as influências musicais.

Os primeiros shows, no mesmo centro cultural em que trinta anos antes tocou a banda “Jóia de Ouro...”, tiveram lotação esgotada. Os fãs do estilo darkwave compareceram em peso, bem como os antigos fãs da banda, todos já grisalhos e com filhos adolescentes.

E isso a despeito da grande imprensa praticamente ignorar a ressurgimento da banda.

Marcela agora usava um vestido elegante, levemente inspirado nos modelos do início do século vinte, e luvas compridas. Letícia, nos teclados, tinha um vestido de veludo preto-azulado que ia até o joelho. Abaixo do joelho, botas de amarrar com um salto fino. Era praticamente uma encarnação de uma bruxa legal. Alan, na guitarra, parecia ter desembarcado agora de algum país próximo ao pólo norte, com seu cabelo comprido de viking. Daniel resolveu aprender baixo também, para que Marcela ficasse livre para cantar. Ele usava um terno azul listado, justo na cintura, uma boina de artista plástico e óculos de lente vermelha.

Foi um sucesso estrondoso!

A turnê “Expressionismo” teve lotação esgotada em todos os lugares em que passou. É verdade que a banda não tocou em nenhum estádio gigantesco, somente em centro culturais e pequenas casas de show.

O críticos musicais notaram que houve um amadurecimento e mesmo uma evolução na sonoridade do Art Noveau, a despeito dos novos integrantes serem inexperientes. “Se as bandas novas quiserem saber como um disco deve ser feito, devem ouvir o novo trabalho do Art Noveau. O disco” Expressionismo “é uma mistura de arte, talento e trabalho duro” — disse um crítico feliz em ouvir um bom trabalho em tantas coisas ruins que ultimamente seu ouvido teve de agüentar.

Com o dinheiro ganho, Marcela pôde deixar o emprego naquela livraria imbecil. Tudo em sua vida estava excelente, nada poderia ser melhor.

....

Devido à temática mística de muitas das músicas, o Art Noveau foi chamado para tocar num evento musical alternativo numa cidadezinha encravada na região montanhosa. A cidadezinha, de ruas de paralelepípedos e casinhas simpáticas, era o paraíso dos hippies, dos místicos, esotéricos, dos feiticeiros, das bruxinhas, dos amantes dos ovni´s e dos terapeutas holísticos. Ao redor dela havia muitas cachoeiras e lugares encantados e trilhas por entre vales cheios de cristais coloridos.

O clima da cidade era o melhor possível. Todo mundo nela parecia viver em outra sintonia, longe do stress dos centros urbanos. Nas ruas, as meninas passeavam com saias indianas, e barbudos de batas iam e vinham.

À noite, o show foi outro sucesso. Inclusive, muita gente jurou ver no céu luzes estranhas em forma de mandalas coloridas. No outro dia foi folga de todo mundo. Letícia, a mais empolgada, saiu logo cedo para conhecer os lugares místicos junto com seu namorado Alan, que levava uma câmera para registrar cenários e com isso ter inspiração para futuros jogos de rpg. Daniel ficou dormindo, e Marcela resolveu sair para passear pelo centro da pequena cidade. Ia de chapéu de aba larga e óculos escuros; parecia uma turista de outro país.

Ela gostava de artesanato, e andava despreocupada pela feirinha que tinha na praça central em frente da igreja de pedra.

Era uma manhã dourada em que lentamente a luz do sol ia batendo, oblíqua, nas casas, na igreja de pedra e nas barraquinhas dos hippies, lançando enormes sombras azuis sobre o cinza do calçamento. Ao olhar para o lado se via um infinito mar de morros e montanhas, fazendo longas faixas cinzentas, esverdeadas e beges, abaixo de um céu bem puro e azulado.

Marcela Byngton caminhava segurando uma pequena vasilha pintada à mão que acabara de comprar. Ao passar no meio fio, ela viu sentado um velho hippie de barbas brancas e encaracoladas vendendo colares coloridos estendidos num pano vermelho.

Ela foi até lá.

— Quanto tá o colar?

Sem olhar para ela, o hippie velho, encurvado como um pajé, disse o preço.

Ela escolheu um e pegou o dinheiro para pagar, de um jeito um tanto desajeitado, pois ela continuava segurando a vasilha debaixo de um dos braços.

O velho hippie sorriu e ofereceu ajuda.

Ela aceitou.

Os olhos se encontraram.

A vasilha caiu no chão.

Pelo espanto.

Ela mal conseguiu balbuciar:

— Rodrigo?

Olhar dele também estupefato:

— Marcela?!...

As lágrimas dos dois se fundiram no mesmo abraço.

— Você está bonitona!

— E você está velho e de cabelo branco, seu maconheiro imprestável! – ela disse sorrindo, com as lágrimas escorrendo do olhos vermelhos — tá parecendo um retrato ambulante do “Pai Tomás”!

Ela pegou nos dois braços dele com força:

— Pelo amor de Deus, Rodrigo, você sumiu do mapa! O que aconteceu? Eu pensei que tinha morrido! Caramba!...Isso não se faz!

— E eu morri mesmo, Marcela. Eu tinha de morrer para renascer aqui. Eu vivo aqui desde aquela época. Deixei tudo para trás: a banda, as drogas, a minha soberba de achar que era melhor que os outros. Despluguei-me do mundo. Vivo tranqüilo desde então.

Nas próximas horas eles tentaram por em dia uma conversa que tinha um hiato de 30 anos. Sentaram nas escadarias frias da igreja, e de lá tinham uma ampla visão das montanhas e do mundo. Ali, naquele alto, o vento soprava forte, querendo arrancar o chapéu de Marcela.

— Eu estive naquele seu último show com a formação antiga do Art Noveau, Marcela. Aquele que você tava no palco só de calcinha e sutiã vermelhos e vestindo uma capa de vampiro.

— Eu sei. Eu vi você. Puxa, eu realmente estou muito feliz de saber que você está bem!

— Eu casei, Marcela, e já sou avô!

Ela riu:

— Isso é espantoso! Quem diria que você algum dia seria avô?

Trocaram endereços, telefones e afagos.

E, a uma tentativa de beijo mais ardente dele, ela tampou os lábios dele com os dedos da mão, mas de uma maneira carinhosa:

— Não, Rodrigo. Eu amo outra pessoa.

Depois de um tempo, ela falou:

— Eu acho que nunca lhe agradeci por tudo que me fez. Você foi... não, você é a pessoa que mais me influenciou e me modificou. Não consigo imaginar a mesmice e monotonia que seria minha vida sem ter lhe conhecido — ela então pegou nas duas mãos dele — muito obrigado, Rodrigo! E quero que você me perdoe por todas as merdas que fiz e que você não merecia de jeito nenhum!

— A gente vai continuar se vendo, não é, Marcela?

— Eu não sei, eu realmente não sei como vai ser o futuro. Mas foi maravilhoso reencontrar você! Isso me encheu de alegria, foi o melhor presente que já tive!

Com os olhos cheios de lágrimas, ele confirmou:

— Foi mesmo um milagre, Marcela!

Se despediram e cada um seguiu o seu caminho.

Quando Marcela voltou ao hotel, Daniel a esperava:

— O que houve, Marcela?

Ela o abraçou, e com os olhos vermelhos, disse:

— Você não faz idéia de como eu amo você!

FIM

Escrito por
JOSIEL VIEIRA DE ARAÚJO

02/05/2008 18H10MIN